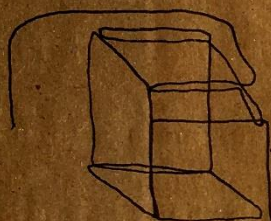


||| ||| ||| |||
julliano mendes

Ouro
Preto
Editora



porco
estação

**CORAÇÃO
DE PORCO
(ÉDIPO EM 4 ESTAÇÕES)**

Juliano Mendes

Coração de porco Édipo em 4 estações

Título original

Coração de porco - Édipo em 4 estações, de Julliano Mendes

1. Literatura dramática
2. Dramaturgia brasileira
3. Teatro brasileiro

Julliano Mendes
www.jullianomendes.com (Julliano com dois L's)
gruporesidencia@gmail.com

Sumário

Chupando os ossos de Sófocles.....	5
CORAÇÃO DE PORCO – ÉDIPO EM 4 ESTAÇÕES	10
1. PRÓLOGO.....	11
2. O JOGO DA ESFINGE	14
3. TIRÉSIAS E ESFINGE.....	23
4. JO/CASTA	27
5. PRIMAVERA	31
5. VERÃO.....	37
6. ESFINGE	38
7. ASSASSINO DE LAIO	46
8. OUTONO	50
9. INTERROGATÓRIO DE TIRÉSIAS	54
10. DEPOIMENTO DE JOCASTA.....	62
11. MENSAGEIRO.....	70
12. A FESTA	73
13. INVERNO.....	79
14. DEPOIMENTO DE SERVO	82
15. FUNK DA AUTORIDADE.....	85
16. RETORNO AO DEPOIMENTO DE SERVO.....	86
17. MORTE DE JO/CASTA.....	90

18. LIBERTAÇÃO DAS MULHERES	97
19. A ÚLTIMA CEIA.....	102
20. EPÍLOGO.....	108
DRAMATURGIA DE JULLIANO MENDES.....	111

Chupando os ossos de Sófocles.

Nadiana Carvalho me convidou para seu trabalho de conclusão de curso em 2010, no departamento de artes cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto. Adaptar Édipo Rei, de Sófocles, era um desejo seu. Dez anos depois eu ainda me pergunto: porque adaptar Édipo? Adaptar é um exercício de linguagem, é tencionar as possibilidades inúmeras de uma referência. Em minha dissertação de mestrado “Do íntimo ao público: adaptação de textos não dramáticos para o teatro” eu defendo a adaptação como um ato necessariamente criativo. Às relações instauradas entre texto adaptado e texto adaptação, eu proponho o conceito de lastro. Este lastro é heterogêneo e pessoal. Adaptadores diferentes, cunharão obras diferentes, mesmo que algum tenha por parâmetro o conceito esgarçado e controverso de fidelidade. Meu desejo, ante a obra original, era criar instâncias de diálogos com a contemporaneidade, reconhecendo o que em Sófocles era atemporal. E não seria possível se deter sobre seu texto sem considerá-lo cânone de nossa literatura dramática.

Durante os primeiros meses de trabalho, nos dedicamos a exercícios descompromissados com uma futura elaboração dramatúrgica, mais ou menos como em *Delírios de Will*, outro texto que fiz em processo. As mulheres da equipe trouxeram questões relativas ao feminino enraizadas na figura de Jocasta, esta personagem que se divide em mãe e mulher, e que permite elaborar inúmeras questões contemporâneas. A diretora trouxe reflexões relativas às estações do ano, na busca de um ciclo que con-

formasse as radicais transformações de um homem ignorante de si. E, para completar, havia um experimento dramático meu, do início dos anos 2000, chamado 3, que era a reunião de três personagens da cultura universal que foram, em maior ou menos escala, usados como padrões sociais de comportamento: Édipo, Jesus Cristo e Hamlet. Da pele do “cordeiro de deus que tira os pecados do mundo”, revesti meu Édipo.

Quando estreou, em junho de 2011, a montagem se chamava “Édipo em 4 Estações”. Na tentativa de aprofundar-me nos “pecados dos outros” que condenaram aquele homem, no entanto, senti que transferimos o ônus destes pecados para ele. Nosso Édipo era um homem que sofria, que carregava, desde sempre, as culpas que ainda nem sabia serem suas.

Dez anos depois, retornei ao texto para publicá-lo. Decidi mover as estruturas dramáticas para propor um enredo menos centrado na figura do Édipo. Parti de um movimento mais geral que representava este homem que vai sendo conduzido pelas ações alheias sem saber que não sabe de quase nada (e que os espectadores sabem de tudo desde sempre). Tirei o peso deste pobre homem. Aos poucos, no entanto, o texto foi se voltando para ele, antecipando a revelação trágica, mas também óbvia, porque já foi difundida pela cultura de massa, mote de novela de televisão e filmes.

Neste sentido, deve ser interessante imaginar alguém acompanhando o texto de Sófocles sem conhecer, de antemão, a trama. Sabendo as verdades no instante em que Édipo as conhece. Minha hipótese é que só uma revelação desta intensidade poderia

desvelar o caráter trágico do texto, terror, piedade e uma surpresa absurda. Porém, em uma história entranhada na cultura, de que provavelmente o público habituado ao teatro já conheça os meandros, como se posiciona seu personagem título? Como um herói trágico ou como um refém do destino? Injustiça? Ou azar?

Resolvi responder: azar. O mais azarado sobre a terra. Fizeram-no rei para que sua queda moral atingisse a todos. Cordeiro de deus. Ative-me a esta imagem de um homem passivo frente a um destino caudaloso. Quando este homem decide agir, até sua reação já era planejada. Eis a falha trágica: a reação. Eis como o destino nos submete: tudo está escrito. Não existe improviso. Entre aquele menino salvo do infanticídio e este homem purgado pela ignorância, só se sustém, como símbolo, um imenso coração. De porco.

No fim do texto, entretanto, Édipo quebra as amarras da história para se posicionar frente a seu destino. Foi tão saboroso este posicionamento para mim, que achei que pudesse ser egoísta de minha parte aproveitar minha autonomia de autor para definir um final tácito de um enredo, como já disse, assimiladíssimo pela cultura. Resolvi, portanto, deixar à escolha dos encenadores onde e como terminar o texto. Em seu momento dramático, música final, luz soberba, causa e consequência. Ou num texto derradeiro de Édipo, sem nenhum lirismo possível, grosseiro com o público que o acompanhou até ali esperando o de sempre, que ele furasse os olhos para que purgasse o erro ignóbil de matar o pai e, principalmente, foder a mãe. Eu prefiro a segunda.

Julliano Mendes *

Elenco da primeira montagem:

Direção: Nadiana Carvalho

Dramaturgia: Julliano Mendes

Elenco: Bárbara Carbogim, Camila Duarte, Dan Silva,
Fernanda Bento, Geuder Martins, Haylla Rissi, Nadjá Dulci, Natali
Bentley, Renato Ribeiro

Direção Musical: Sabrina Silva

Músicos: Sabrina Silva, Pamelli Marafon e Gegê Mendes

Iluminação: Paulo Carvalho

Figurino: Tálita Mota e Dan Silva

Cenário: Nadiana Carvalho

Maquiagem: Lorena Rocha

Produção: Ellen de Paula

Assistente de produção: Luciana Pereira



** Julliano Mendes é ator, diretor e dramaturgo. Vocalista do Galanga, banda mineira de rock afrogressivo. É mestre em Estudos da Linguagem pelo departamento de letras da Universidade Federal de Ouro Preto, onde defendeu a dissertação “Do íntimo ao público: adaptação de textos não dramáticos para o teatro”. Fundou, em 2001, o Grupo Residência Teatro e Audiovisual, produzindo oito espetáculos. Em 2020 lançou o romance Um Circo, pela Editora Ouro Preto. Sua produção literária pode ser conferida no site www.jullianomendes.com. Atente-se que Julliano é com dois L’s.*

CORAÇÃO DE PORCO – ÉDIPO EM 4 ESTACIONES

PERSONAGENS

Édipo

Jo

Casta

Tirésias

Esfinge

Servo

Mensageiro

Corifeia

Diversos coros

1. PRÓLOGO

Entra, como pernas de uma imensa lacraia, uma procissão.

CORO

É de pá

É de Pe. dra

É de pó

Édipo

Matarás o pai

Foderás a mãe

Matar-se-á a mãe

Tu não mais verás

O coro vem forte em uma cadência grave, como um grito num túmulo. Até que param. Tirésias, no centro, é erguido. Tirésias é o Chico Xavier. O coro permanece com um suspiro simples. Tirésias desenrola um imenso sudário, no qual vai aparecendo o corpo nu de Édipo. Tirésias canta como choro de mulher arrependida.

TIRÉSIAS

Nada aqui será novo: esta narrativa tem cinco séculos, entranhada na carne da história como marca de boi, voz íngreme sobre as consciências e desejos: não se pode foder a mãe. Não se pode matar o pai. A humanidade inteira será responsável pela falha de um. Um será responsável pelas falhas da humanidade inteira. Assim está escrito. A cultura é uma bíblia sagrada. Nosso modo de ser é um drama canônico cunhado por intelectuais e filósofos brochas. Não: não vejo no futuro horizontes mais amenos, será sempre necessária a orgia dos sentidos para abrir caminhos entre o torpor da ordem, da ética, da graça, da normalidade abusiva, da harmonia social. E, para atingir o clímax, será sempre exigido um sacrifício.

E quem o exige? Deus? Ou nossa mais selvagem culpa? (Deus é nossa mais selvagem culpa!). Um paga para que os outros se salvem. Foi assim na história. Será assim na história. Aqui, falamos de um. Nas noites mais silentes, entre a vigília e o sono, falam quase secretamente de outro. E há outros. E haverá. Aqui, no entanto, houve um sacrifício, mas não necessariamente um sacrificado. Corpo de um homem ignorante de si. Mandaram matá-lo ainda bebê, privando-o do seio de mãe. Mas, aquele que deveria completar a tarefa, homem hábil na degola de porcos e gansos, pensou: 'um porco oferece mais riscos que este bebê'. E pensou, completando: 'mas este bebê deve valer bem mais que cem porcos'. E, como conhecesse o mercado de tráfico de gente, levou, secretamente, o bebê a um reino vizinho, Corinto, governado por um rei que era estéril. Se, para tal rei, não era possível fazer filhos, seria necessário comprar. Combinados sigilo e valores, o homem vendeu o bebê, depois arrancou o coração de um de seus porcos e levou-o como falsa prova de que havia cumprido as ordens de seu rei, Laio, casado com Jocasta, a quem a profecia havia dito: tereis um filho que matará um e foderá outro (na verdade a profecia não disse assim, nessas palavras retas. As profecias adoram os floreios semânticos. Mas foi exatamente isso que ela quis dizer: foderia Jocasta, mataria Laio). Eis, enfim, a falha trágica: pulsando na carne da história, o coração de porco perverteu sentidos e mentes, desejo e poder. Fedia como se fosse originalmente podre. Ardia em culpas. Os séculos se seguiram e ei-lo aqui vomitando verdades intensas. Qual coração de porco de apetece? Qual coração de porco de seduz? Qual coração de porco de governa? Mas, chega! Que me gasta repetir palavras que todo mundo já sabe. Tudo está escrito, entranhando na carne da história. Portanto, será assim: do seio da Terra, idiota e reticente, mais uma vez, nasce Édipo!

O sudário está todo estendido, até o chão. Assim que termina o texto, Tirésias o retira. Atrás, está Édipo, enrolado em diversos cordões

umbilicais, como que vestido por eles. As mulheres do elenco se destacam da procissão e se conectam a Édipo pelos cordões umbilicais. Em euforia e êxtase, elas gritam, sob crescentes dores do parto, frases como:

CORO DE MULHERES

Eu sou a mãe de Édipo

Minha mãe é mãe de Édipo

Odete Lara, Elke Maravilha, Ana de Amsterdã é a mãe de Édipo

Maria de Nazaré, Bruna Surfistinha, Jane Duboc é a mãe de Édipo

Eva era mãe de Édipo, Ruth Cardoso era mãe de Édipo, Bárbara

Heliodora era mãe de Édipo

Princesa Diana, Madre Tereza, Dilma Rouseff, Fernanda Montenegro, Julieta, Madame Currie é a mãe de Édipo

Fernanda Takai, Olga, Santa Joana do Matadouro é a mãe de Édipo

Cleópatra é a mãe de Édipo

Vera Fischer é a mãe de Édipo

Ruth Escobar é a mãe de Édipo

Rita Cadillac, Beth Davis, Helena de Tróia é a mãe de Édipo

Estes e outros nomes de mulheres que tenham sido fundamentais em suas vidas. O coro evolui para uma histeria absoluta de mulheres no momento exato em que a cabeça do filho se mostra. Édipo é expulso de si. Cai no chão, assim como todas as mulheres. Silêncio crivado de ofegâncias femininas. Os homens do elenco cortam o cordão umbilical de cada uma das mulheres. Silêncio mais profundo. Corte brusco. Apenas Édipo, ao centro, tentando se levantar como um bezerro recém-nascido. Escorrega. Reergue-se. Cai.

2. O JOGO DA ESFINGE

Entra uma figura metade homem, metade mulher. Metade bom, metade ruim, soerguendo-se de sua soberba imperial. Ri-se, quase. É a Esfinge, acompanhada de seu séquito higiênico, que constantemente a limpa e perfuma. Draga palavras.

ESFINGE

Eu minto sempre. Isto é verdade? Ou mentira? Se for verdade, então é mentira. Se for mentira, verdade. Eu minto sempre. E você? Afinal, não há verdade que permaneça, nem mentira que não cobre sua própria verdade. E se não houvesse uma ou outra? E se tudo fosse parte de um mesmo rio caudaloso chamado destino? E se tudo fosse a mesma linha do tempo e não houvesse passado nem futuro, mas um eterno deixar de ser? Presente fugidio! Só é o que é. E então? Teria graça? Ou a graça reside exatamente no que não é? A graça está no que não está. Há mais plena condição humana do que a invenção? A imaginação? Vocês estariam preparados para a verdade? Existiria a verdade? Ou, sendo tão básica, tão mínima, tão simples - nós, que amamos a ilusão - a única condição da verdade seria a ficção? Só é possível falar da verdade como um cronista. Vivenciá-la? Não. E porque não? Por os séculos cultivaram em nós a paixão pela farsa. É mais fácil mentir que sentir. É mais proffiuo. Estaríamos preparados para a simplicidade extrema? E, não me entendam mal, não acho que sejamos hipócritas. Não falo de ética. Falo da graça, porque a verdade não tem graça. Não falo da carne crua. Falo do gosto da carne crua. Não falo da morte, coisa mais simples impossível. Falo do medo da morte, da dança da morte, da noite, do sonho. Ser ou não? A única escolha é não ser, ser é condição natural. Quer coisa mais insossa? Nós, não. Queremos a vida mais convulsa, queremos a loucura mais torpe, a paixão mais conturbada, a lágrima grossa, o gozo farto, a orgia degenerada, a turba, a festa, o caos. Seremos jogados no espaço,

como um cisco de poeira no ar. Não haverá parâmetros, tudo será coragem e, quem não tiver coragem, eu esfolo, chupo o corpo como um picolé e, depois, devoro. Chamemos assim o que normalmente se chama destino: a forma como lhe comerei. Será hoje, será amanhã, não importa. Quem disse que não é possível adivinhar o destino? O ceticismo resistirá à verdade? Existe verdade mais simples que a morte? Mas não queremos a morte, não é? A minha, eu não quero. A sua? Existirá alguém que me ponha à prova? Não se preocupe: antes de morder, eu chupo. Só devoro depois. O meu espetáculo será o seu espetáculo. O que começa agora terá, sim, um fim. Eu chupo. Devoro. E quem me devora? Senhoras e senhores, meninos e meninas: estejam preparados pra encarar o seu destino! Com vocês: o show da Esfinge!!!

As mulheres do elenco se perfilam como chacretes trágicas.

CORO

Não terás escolha
Não terás saída
Se a verdade é mentira
Se a mentira é verdade
Azar é sorte a morte é vida
Tu terás escolha?
Tu terás saída?
Se tu buscas a verdade
Seja feita tua vontade
Azar é sorte a morte é vida

Loucuras orgiásticas. Luz brusca sobre Édipo, que finalmente conseguiu colocar-se de pé. As chacretes interrompem seu show.

ESFINGE

Eis um picolé. Mais um. Será chupado até os ossos. Quero-o!

As Chacretes se aproximam de Édipo como lacraias, conduzindo-a até a frente da Esfinge.

CORO

A escolha que não tens
A verdade que não há
O passado que não tens
O futuro tu terás?

Tudo é presente e cru
Mas fingimos que não é
És um homem, estás nu
Feito em ventre de mulher

Sobre a culpa que não tens
Mas que em breve tu terás
Se ao passado não te aténs
O futuro o obrigará

Quem disse que és mais?
És tão pequeno e simples.
Quem disse que és mais?
És tão pequeno e simples.

ESFINGE

Chega! Não haverá mais tempo pras minúcias. Quero ir direto ao ponto. Quem és tu?

Édipo se atordoia nas extravagâncias.

ÉDIPO

Eu...

ESFINGE

Sim. Tu és tu és tu. Não haveria resposta mais pronta. Mas há outras mais necessárias. De todos os cantos do mundo, surgiste aqui. Porquê?

Silêncio de Édipo, que não consegue responder.

ESFINGE

Respondes com o silêncio e no silêncio tudo está: não há resposta para o que não admite pergunta. Aqui é a terra inteira. Agora, diz-me: o que estaria escrito para ti?

Silêncio de Édipo, que não consegue responder.

ESFINGE

Muito bem: nada está escrito. Escrever é uma ação necessária. Sem o ato, não há fato. E se eu te desse, furtivamente, a pena? Independentemente do que está escrito, dou-te agora a chance de reescrevê-lo. Mas terás uma única chance. Nada mais. Os teus presságios serão cumpridos. Ou os meus. É chegada tua hora. Ou a minha. Não haverá escolha.

CORO

Não terás escolha
Não terás saída
Se a verdade é mentira
Se a mentira é verdade
Azar é sorte a morte é vida

Tu terás escolha?

Tu terás saída?
Se tu buscas a verdade
Seja feita tua vontade
Azar é sorte a morte é vida

ESFINGE

Decifra-me ou te devoro!

CORO

Teu corpo tenro
delicado e são
devoraremos

em seguida
chuparemos os ossos
prazer pagão

ou decifras ou és devorado
qual preferes tu
homem simples, quase cru?

ÉDIPO (*tentando articular pensamentos*)

Eu...

ESFINGE

Você! Você mesmo, homem. É chegada a hora mais trágica do show, homem, será a tua hora trágica, a única vez em que terás igual oportunidade, homem. O homem será sempre assim: feito de segredos e sonhos de homem, homem. Pois o que seria do homem sem a dúvida. Mas, homem, aqui não há espaço para dúvidas de homem. Se és homem na certeza, serás homem na dúvida. Como todos os homens, homem. Homem. Homem. Portanto, homem, pergunto uma vez só, responda-me como homem! O que é o que é

que anda em quatro patas pela manhã, em duas à tarde e em três a noite, homem?

ÉDIPO (*pai das dúvidas*)

Eu...

ESFINGE

Você? Você respondeu: você!

Tensão pré-menstrual coletiva.

ESFINGE

Confirma a tua resposta?

ÉDIPO (*ainda sem entender*)

Eu...

ESFINGE

Ele confirma!!!

Orgasmo coletivo.

ESFINGE

Você respondeu: você. Você! Você, homem. Você é um...

CORO DAS CHACRETES

Homem!

ESFINGE

Homem? O reflexo de tudo que só existe no pensamento coletivo absurdo e tenso chamado cultura. Homem. A condição mais básica para que exista o medo. Homem. Onde dorme a angústia, se afoga a poesia, reverbera a raiva. Sua resposta, homem, está exata! Ho-

mem!!!

Histeria coletiva. Um cenário se monta, pode ser um reino, pode ser um lar.

CORO DAS CHACRETES

Homem

Feito carne, pele, osso, sentimento

Homem

A vida é dura, desgraça, tormento

Homem

Mas sempre tem alguém por um momento

Que se refestela de palavra e entorpecimento

A face crua da maldade e de ressentimento

Que é mais...

Homem!

ESFINGE

E como prêmio, homem, ganhaste... *(suspense sensacionalista)* o lindo reino de Tebas!

CORO

Homem

Agora és rei!

ESFINGE

Homem, agora és Rei.

CORO

E tudo que a vista alcança agora é teu!

ESFINGE

Até onde tua vista alcança, Édipo, agora é teu! Não eras nada. Ago-

ra, és rei!

CORO

Um rei foi feito do nada.

VOZ DE TIRÉSIAS (*como nos versos de salmos nos filmes bíblicos ou numa projeção*)

O que vem do nada retorna ao nada.

ESFINGE (*em direção de onde veio a voz*)

Onde vai chegar, não importa. Importa que vá.

CORO

Se tu buscas a verdade
seja feita a tua vontade.

VOZ De TIRÉSIAS (*idem*)

A verdade será revelada, mas não é a vontade dele.

ESFINGE

A verdade é a minha vontade.

CORO

A verdade é a nossa verdade.

VOZ de TIRÉSIAS (*idem*)

Não existe verdade.

ESFINGE

A verdade agora atende por um nome.

CORO

Édipo.

VOZ DE TIRÉSIAS (*idem*)

A única verdade possível.

ESFINGE

Comemora!

CORO

Tudo aqui se chama Édipo.

ESFINGE

Vibra!

CORO

Tudo que a vista alcança agora é teu!

ESFINGE

És rei!

Em euforia, como bacantes zecelsianas, Édipo é coroado rei com seu próprio cordão umbilical.

CORO

É de pá

É de Pe...dra

É de pó

Édipo

Matarás o pai

Foderás a mãe

Matar-se-á a mãe

Tu não mais verás

3. TIRÉSIAS E ESFINGE

Édipo agora está sobre um trono de vísceras, de olhos tapados por um imenso cordão umbilical umedecido de seu sangue. As mulheres vão se retirando, remoendo pequenas orações. Surge Tiréias.

TIRÉSIAS

Não posso fazer nada, tu sabes.

ESFINGE

Então porque me tentas?

TIRÉSIAS

Por prazer.

ESFINGE

Existe ainda algum prazer para um velho cego quase morto como tu?

TIRÉSIAS

Observar.

ESFINGE

Tu?

TIRÉSIAS

Vejo mais que tu.

ESFINGE

Quem faz enigmas aqui sou eu.

TIRÉSIAS

Muito perspicaz teu show.

ESFINGE

Eu sabia que gostarias. Segui o roteiro?

TIRÉSIAS

Sim, mas devo confessar que adoro teus improvisos.

ESFINGE

Este é o meu prazer.

TIRÉSIAS

E a miséria alheia?

ESFINGE

Não é necessariamente um prazer. É, antes, uma condição.

TIRÉSIAS

Que te apraz?

ESFINGE

Nunca parei pra refletir sobre isso. Faço-a como quem tem fome, como quem ruma, como quem defeca.

TIRÉSIAS

Tu és uma estátua.

ESFINGE

Com muito mais vida que tu.

TIRÉSIAS

Porque não devoraste o menino?

ESFINGE

Ele não é mais um menino. Nunca foi.

TIRÉSIAS

E porque não o devoraste?

ESFINGE

Se tu sabes a resposta, porque a pergunta?

TIRÉSIAS

E se eu não souber? E se eu simplesmente inventar respostas?

ESFINGE

Inventas muito bem.

TIRÉSIAS

O sei.

ESFINGE

Estás tentando salvar Édipo?

TIRÉSIAS

Não. Estava tentando salvar a ti.

ESFINGE

Eu não preciso de tua salvação.

TIRÉSIAS

Então, continua teu show, de que gosto.

Desaparece.

ESFINGE

Observa, então, do limbo de tua cegueira, o quase inenarrável Show da Esfinge!

CORO

Não terás escolha
Não terás saída
Se a verdade é mentira
Se a mentira é verdade
Azar é sorte a morte é vida

Tu terás escolha?
Tu terás saída?
Se tu buscas a verdade
Seja feita tua vontade
Azar é sorte a morte é vida

4. JO/CASTA

ESFINGE - Tu és Édipo, estrela maior da cultura ocidental. Um homem de quem se falará através dos séculos. Édipo Rei: agora, e também por isto, anuncio o segundo prêmio, que talvez dirias duplo: eu prefiro o singular. Já tens casa, poder e fama (os séculos confirmarão teu sucesso, meu menino). Que te falta, homem? Não, isto não é uma pergunta. Ou é, mas com resposta. Falta-te, homem, mulher. Agora, não falta mais! Que entre o teu prêmio!

Música. Entra uma mulher, mas são duas. Divididas em Jo e Casta, formam uma. O coro geme pequenos palavrões. Luz sobre Jo/Casta.

JO

Onde está esse homem que venceu o temível jogo da esfinge?
Aí estás.

Um desejo antigo
se acende em mim

(que eu julgava sepulto).

Agora, é como se ele tivesse
retornado.

Meu amor por ti é espontâneo.

Eis quem vai preencher o vazio
chamado Laio:
Tu.

CASTA

Onde está o homem que venceu o maior dos enigmas?
Aí estás.

Vejo-te e é como

se acendesse em mim
uma flecha de fogo,
que eu julgava sepulta sob o
luto de minha desgraça.

Aí, tu surges.

Meu amor por ti é uma obrigação.

Laio será pra sempre memória.
Tu, presente.
Venha, majestade,
Quero-te introduzir-te às obri-

Vamos a meu quarto, meu senhor,

quero coroar-te, fazer-te as pompas, embranquecer teu cenho, que é pálido, como um bebê. Meu bebê... posso chamar-te assim?

Vem. Os deuses mandaram-te. Recebo-te como meu rei.

gações. Escuta:

O povo ainda celebra tua chegada. Escuta.

Vem. Os deuses mandaram-te. Recebo-te como nosso rei.

Á medida que fala, Jo/Casta vai sentido as dores do parto, cada vez mais intensas. No fim da fala, nasce, como um bezerro, um filho. Pausa. Entra, quase em pânico, o servo e algumas criadas.

JO/CASTA

Qual o sexo?

SERVO

Homem.

JO

Levem essa aberração daqui!

CASTA

Por favor, tirem-no da minha vista.

Servo. Pega a criança que está úmida. Sai.

JO

Agora, voltemos ao novo rei...
Tu és um menino. Mas tens as

CASTA

Perdão, meu senhor.

feições de homem.

Homem como meu assassinado
Laio.

Ai de mim. Mas não quero ficar
pensando no que morto é, que
aqui estás, meu rei.

Vem. Vamos à cama .

Pelos traços, eu diria que so-
fres.

Ai de mim. Mas não quero re-
mexer em lembranças guarda-
das, é chegado o novo.

Vem. Vamos ao leito.

Jo/Casta insinua-se/recebe Édipo. Pega-o pela cintura/pelas mãos, conduzindo para a cama/leito. Ele a detém. Surge, entre eles, um forte desejo. Jo o beija, Casta o lava.

CORO

Estás enранhado na carne do tempo e da dor
circunscrito como um tumor
acrescido de medo e mal
fundido ao que te é letal
não adianta correres
não adianta fugires
o tempo é mais forte que a poesia
o tempo é mais forte que o fé
o tempo é mais forte que a morte
o tempo é mais forte que a vida

o tempo será teu deus

*Jo o beija, Casta o alimenta. Assim, evoluem numa relação car-
nal/familiar. Quanto mais calor, menos luz. Na réstia final de luz,
percebemos que Édipo chupa o seio de Jo.*

CORO

É de pá

É de pe...dra

É de pó

Édipo

O coro se converte nas paredes do quarto que guardam esta intimidade.

CORO

Matarás o pai

Foderás a mãe

Matar-se-á a mãe

Tu não mais verás

5. PRIMAVERA

Jo/Casta deixa Édipo só, no centro do palco. Tempo. Surge, como quem percorresse sempre um caminho em espiral, o Mensageiro. Para na frente do palco. Tira seu banquinho, senta-se.

MENSAGEIRO

Estamos em 27 de setembro, a primavera já se instalou em nós há quatro dias quando o dia e a noite tiveram a mesma duração. Por aqui, os corações enchem-se de cor. É como se a vida tivesse começado num leve e doce suspiro. Venta. A brisa colore de cheiro nossas mais sublimes tentações. Ficaríamos assim, horas. Mas não temos tempo para felicidade. É preciso concentração, de outra forma nunca mais fecharíamos os olhos, tamanha a beleza que nos cerca. Mas, exatamente porque é efêmera, não vamos falar da beleza. Vamos contar como tudo começou. A algumas cenas atrás, Édipo nasceu, tornou-se rei, casou-se com Jo/Casta. Na verdade, passaram-se anos. Édipo e Jo/Casta tiveram duas lindas filhas, Ismênia e Antígona, a quem o destino se encarregará de criar. Mas como todo bônus traz seu ônus, Édipo descobrirá a dicotomia da flor, que serve tanto ao amante quanto ao defunto. É primavera? Que entrem, portanto, as flores!

Ao fundo, surge uma mulher, com uma panela, batendo-a. Depois, outras mulheres em sequência.

MULHER 1

Não admito a indiferença: pelo nome de meu filho morto, que alguém tome uma providência urgente. Nós precisamos de atenção. Menos espetáculo e mais ação. Onde estão os governantes desse país? Nós tiramos quem não nos atende. Não temos medo de suas armas apontadas para nossas cabeças. Tirei a bala cravada no crânio de meu filho. Com ela fiz um colar. Com todas as balas dos

crânios dos filhos das mães da América Latina fizemos um imenso rosário e pensávamos: quem nos dera fossem gotas de lágrima. Mas não. Eram de sangue. Chamamos os homens desse país, mas era hora do futebol. Aí gritamos como quem fosse feito só de cordas vocais. Era domingo. Os que dormiam pediram silêncio. Fizemos mais barulho. Primeiro, pediram mais silêncio. Depois se habituaram a dormir sob nossos gritos. Mas, indiferentes à indiferença, continuamos, mulheres-grito: Quem nos salva? Quem nos salva? Quem nos salva? (Continua).

MULHER 2

Casei com 15 anos com um homem que não conhecia. Casei porque queria sair da casa de minha mãe. Depois de três dias descobri que detestava o cheiro de meu marido. Toda vez que ele me comia eu prendia a respiração. Fez três filhos em mim e eu comecei a viver neles. Cheguei a pensar em outros homens, mas precisava cortar o bife, lavar roupa na mão, desengordurar o fogão. Cresci assim. Tinha, porém, minha hora e meia de felicidade durante a novela das oito. Fingia que era Cláudia Raia. À noite, às vezes, meu marido me fazia acreditar que fosse. Mas gozava rápido e com a respiração presa eu não podia ir muito longe. Depois ele se virava pro lado e eu pensava: fiz amor com o Edson Celulari! Mas ele roncava alto e eu não conseguia nem pensar. Dormia mal. Até que decidi cuidar de mim. Fui ao médico. Ele disse, você é soropositiva, eu, que só tinha trepado com meu marido e com o Edson Celulari. E agora, quem me ajuda? Quem me salva? Quem nos salva? Quem nos salva? Quem nos salva? (Continua).

MULHER 3

Eu era criança quando disse a meu pai, ou você para ou eu chamo a polícia. Ele me expulsou de casa. Eu tinha apenas 11 anos. Passei da infância pra juventude em apenas duas horas, quando o primeiro carro parou pra perguntar quanto eu cobrava. Eu disse que

queria um prato de comida. O homem me pagou um pastel com guaraná. Nunca mais parei de comer pastel com guaraná. Começaram a me chamar assim: quem quer comer a pastel com guaraná? Engravidei a primeira vez aos quinze. Perdi o bebê. Sorte dele. Depois, aos dezesseis, engravidei de novo. Tive o bebê. Disseram-me: este seu filho ainda te mata. Dei ele. Descobri que os homens não comem pastel com guaraná porque é gostoso, mas porque é barato. Quando fiz dezoito anos já me sentia uma velha. Comecei a dar o cu pra diversificar meu mercado. Deu certo até os dezenove. Engravidei de novo aos vinte. Disseram: fura com agulha de crochê. Eu tive a menina, olhei pra cara dela e falei: essa não dou. Ela vive comigo. Passa fome, mas menos que eu. Eu digo: quem nos salva? Quem nos salva? (Continua).

MULHER 4

Eu fui feliz. Casei com o primeiro namorado. Fizemos uma linda família. Ele me traía regularmente, mas isso não me incomodava. Até me sentia aliviada, como se diminuísse minhas obrigações domésticas. Tivemos dois filhos. O mais velho logo se mostrou muito tímido. Depois, não. Ficava repentinamente violento. Descobrimos: drogas. Álcool, cocaína. Até aí estávamos vencendo. Até que conheceu o crack. Roubou meu botijão de gás. Bateu em mim. Eu e seu pai levamos a médico, psiquiatra, espiritismo, mãe de santo, vendemos a alma pra Deus, arrendamos pro capeta, mas o menino fumava pedra e virava outro. Busquei ele na cracolândia, no hospital, na rua, na cadeia. O pai saiu de casa, depois de derramar em mim uma culpa que não me cabia. Todo dia tenho vontade que meu filho morra, mas aí a culpa torce meu braço, quem mandou eu botar no mundo? Ser mãe é padecer. Ponto. Mas deve haver uma saída. Deve haver uma resposta: quem me ajuda? Quem me ajuda? Quem nos salva? Quem nos salva? Quem nos salva? (Continua).

MULHER 5 (Corifeia)

Sakine Mohhamadi será morta por apedrejamento porque traiu o marido morto. Depois de pressão internacional decidiu-se que ela não será morta por apedrejamento. Será morta na forca. A modelo somali Waris Dirie teve seu clitóris extirpado quando tinha cinco anos. Há países que condenam mais de oitenta por cento de suas meninas a nunca gozarem. Eliza Samúdio foi assassinada por seu amante, o goleiro Bruno. Seu corpo nunca foi encontrado. Bruno está solto. Continua jogando futebol, fazendo a barba às sextas, brincando de karaokê com os sobrinhos, tirando fotos com filhos de fãs. Josef Fritzl, austríaco de setenta e três anos, manteve a filha sob cárcere privado no porão da casa durante vinte e quatro anos e teve sete filhos com ela. No Brasil casos semelhantes chegam à imprensa, mas há milhares de outros casos que não. Isabela Nardoni foi violentamente arremessada do sétimo andar do edifício onde morava pelo próprio pai. Daniela Perez foi morta a tesouradas pelo companheiro de trabalho, o galã Guilherme de Pádua, que hoje goza os benefícios da liberdade após ter pagado pelo seu crime. A Irmã Dorothy Stang foi assassinada com seis tiros, um na cabeça e cinco ao redor do corpo, aos setenta e três anos de idade no dia doze de fevereiro de dois mil e cinco, às sete horas e trinta minutos da manhã em uma estrada de terra de difícil acesso, à cinquenta e três quilômetros da sede do município de Anapu, no Estado do Pará, Brasil. Como ela, o conflito de terras mata mulheres e deixa diversas viúvas. Quem as salva? Quem as salva? Quem nos salva? Quem nos salva?

Podem somar-se outros depoimentos a estes. Devem, até. Evoluem para um imenso painel.

CORO DAS MULHERES

Que homem se levanta
do centro da terra

e nossos males encerra?

Que homem se volta
vibrante, ferino
contra este mal feminino?

Que maldição é esta
circunscrita na pele?
Que se revele!

Quem é que nos salva
de nosso destino
cruel, assassino?

Que não sobre dúvida,
correção ou ressalva.
Quem é que nos salva?

Formam um coro convulso, que grita, levanta cartazes de ordem, bate panela. Ações quase violentas. Muitos gritos. O centro de tudo é Édipo. Num dado momento ele se enche de fúria, levanta o punho e grita:

ÉDIPO

Eu!!!

Todos se calam instantaneamente. Tempo longo. Uma a uma as pessoas vão se ajoelhando ao redor de Édipo, cantando a uma só voz.

CORO

Que a terra se encha de graça
de glória, de força e de brio

acalanto pros que tem frio
tesouro que o medo rechaça

que vida se torne mais plena
que seja feliz quem merece
e paz para quem fenece
que a dor se acomode pequena

porque nós temos um rei
agora nós temos um rei
porque nós temos um rei
Édipo é nosso rei

É de pá
É de pe...dra
É de pó
Édipo

Todos se ajoelham tendo Édipo como centro.

ÉDIPO

Eu... eu... eu... eu...

Tempo. Ele não consegue falar. Ouvem-se alguns cochichos entre o coro, com os súditos estranhando a indecisão do rei, mas todos ainda ajoelhados. Ergue-se alguém no meio do coro. É o Mensageiro.

5. VERÃO

MENSAGEIRO (*gritando, para suplantar o texto de Édipo, que continua*) - As coisas estão começando a esquentar por aqui. Também, pudera: é verão! As pessoas usam menos roupa. Chove mais. Chora-se, também. Mas não vamos falar de lágrimas. Ainda. Porque Tebas fica num vale delicadamente voltado para o horizonte, o que faz que, na maior parte do dia, o sol incida sobre suas casas como um holofote, gerando a estranha sensação que estamos num imenso teatro. E, como fosse o ator principal, Édipo finalmente entra em cena. Há o câncer, a fome, o crime. O medo, a dor, a maldade. O preço da gasolina, a indigência, o pecado, a insônia, a saudade, a escravização, o desemprego, a falta de moradia, o terrorismo, a miséria, o suicídio. Édipo pensa: quem nos salva? Aí se lembra: Quem salva é o rei. Eu sou o rei. Logo, quem salva sou eu. Prepara-se, aconselha-se e decide: é preciso fazer alguma coisa! Dizem que as pessoas ficam mais preguiçosas no verão. Mas Édipo venceu a Esfinge, ele não é como todo mundo. Que pensamentos habitariam a mente deste destemido? E se pudéssemos supor-lhes? Podemos. Afinal, é verão. Agora me calo, porque Édipo, suado como um bebê, como podemos perceber, quer falar.

Sai. Édipo permanece.

ÉDIPO

Eu... eu... eu...

A luz muda. Lentamente as pessoas do coro vão se convertendo em estátuas terríveis, como um jardim de esculturas macabras. Tirésias fala, como a voz dos Salmos nos filmes bíblicos.

6. ESFINGE

TIRÉSIAS

Pronto: chegamos ao momento em que ele, finalmente, fala. Para alívio dos presentes.

ÉDIPO - Eu... eu... eu não sei quem sou, de onde venho, pra onde vou. Era um dia qualquer. Tinha ouvido uma profecia: matar meu pai. Foder minha mãe. Achei graça. Minha mãe me chamou num canto. Pensei: será agora? Pensei: se meu pai souber, ele me mata. Ela disse, ar grave de quem duvida, mas precisa fingir-se crente: toma aqui esse dinheiro, porque terás muito a andar e este cachecol, porque faz frio. Nunca ninguém foi expulso de casa sob tanta ternura. Pensei: já é tempo, permanecer sob a tutela dos pais com minha idade será uma forma muito eficiente de tornar-me pouco eficiente. Fui sem me despedir. Pensei: volto em breve, alguém revelará que esta profecia é uma pilhéria ou uma chantagem (meu pai, como todo homem bom, é um bobo). Tinha uma mochila. Virei um andarilho. Era bom, as pessoas me davam coisas sem que eu pedisse (há melhor sortilégio que a piedade, afinal?). Continuei minha caminhada. Poucos dias depois, como um fantasma de um pai vingativo, apareceste tu...

Tempo longo.

ÉDIPO

Tu.

Tempo.

ÉDIPO

Tu!

Esfinge revela-se entre as estátuas.

ESFINGE

Chamaste-me?

ÉDIPO

Se sabes que sim, porque a pergunta?

ESFINGE

Porque tudo que eu sei é perguntar.

ÉDIPO

E, entre tantas perguntas, há alguma pra que não saibas a resposta?

ESFINGE

Olha o paradoxo: não sei se não sei.

ÉDIPO

Chega de paradoxos. Eu preciso de respostas!

ESFINGE

Logo tu?

ÉDIPO

Bem sabes que não respondi nada. Ou não sabes?

ESFINGE

Isto é um enigma?

ÉDIPO

É um pedido: ajuda-me.

ESFINGE

Não se ajuda a um rei!

ÉDIPO

Por quê?

ESFINGE

Achas que um rei se faz no que ele recebe? Não. O rei se faz naquilo que ele dá.

ÉDIPO

Eu não tenho nada pra dar.

ESFINGE

Tens.

ÉDIPO

Então me mostra o quê. Se o tiver, eu dou.

ESFINGE

Para a ação não é necessária a consciência. Muitas vezes o contrário: aquele que sabe, não age.

ÉDIPO

Então, será assim: meu poder será alicerçado pela minha ignorância?

TIRÉSIAS (voz)

Teu poder não será limitado pela tua consciência.

ESFINGE

Não o preferes?

ÉDIPO

De que me adianta todo poder do mundo se, de fato, nunca soube seu sentido?

ESFINGE

As coisas mais simples não tem sentido nenhum, Édipo.

ÉDIPO

E se eu te confessar que não sou simples? Que observava meu pai em suas tarefas de rei julgando limitados seus instintos, achando que fosse eu a tomá-las seriam mais eficazes as ações. Que em seu lugar eu seria mais útil ao povo de Corinto. Quando ouvi a profecia, estremei: desejar a morte de meu pai seria matá-lo, afinal? Uma metáfora, a profecia? Declinei em minhas ilusões, já não queria ser rei. Eu juro. É preciso que acredites em mim: toma de volta este reino que, embora tivesse desejado, não o pedi. Toma de volta a coroa, que já me pesa. Tira-a, tu, de mim!

Édipo tenta arrancar a coroa, mas ela não sai. Sua cena é quase um pastelão. Lentamente o coro das estátuas começa a rir dele, até eclodir numa imensa gargalhada. Édipo se ajoelha. As gargalhadas vão cessando, até pararem por completo.

ÉDIPO

Tem piedade de mim.

CORO

Piedade

Piedade

Piedade de nós

Piedade

Piedade

Piedade de nós

Durante o coro, Tirésias se revela.

TIRÉSIAS

Tens?

ESFINGE

Piedade?

TIRÉSIAS

Sim.

ESFINGE

Nenhuma. Tu?

TIRÉSIAS

Um pouco. Mas sinto mais graça que dó.

ESFINGE

Graça?

TIRÉSIAS

Olha pra ele. Não te parece uma criança?

ESFINGE

Uma criança linda brincando de ser rei.

TIRÉSIAS

Envelhecerá num átimo. Assim que lhe for relevada a verdade terá cem anos, o pobre.

ESFINGE

Achas necessário que saiba a verdade, esse menino?

TIRÉSIAS

Somente adivinho. Nunca determino. Tu, sim.

ESFINGE

Servimos aos mesmos desígnios.

TIRÉSIAS

Mas tu não sofres.

ESFINGE

Não, mesmo.

TIRÉSIAS

Édipo?

ÉDIPO

Está cravada no meu crânio, como parte dele, esta coroa.

ESFINGE

Eis a dor das coisas naturais.

ÉDIPO

Renego, então, minha natureza.

ESFINGE

Pudesses...

ÉDIPO

Posso. Sou rei. Ou não sou?

ESFINGE

És ou não és.

ÉDIPO

Se sou, porque não quero? Se não sou, porque sei?

ESFINGE

O que tu sabes?

ÉDIPO

Que aquelas pessoas gritam por socorro. Que me estendem os braços como um mendigo que pede comida. Que já não nutrem mais esperança, senão em mim. Que cumpro uma função que não me cabe. Serei um ator? Personagem? E, se sou, quem o escreve? Tu?

TIRÉSIAS

Agora, é necessário que tu reveles a peste. Ele não estará preparado, mas não importa: nunca estaria. Quem estaria? Tantas vezes contada esta mesma história e desta vez, Édipo aprende cedo demais: uma vez trilhado seu caminho, não haveria volta. Não haveria atalho. Seguiria por onde tinha que seguir. Através dos séculos e séculos. Nunca morreria. No fim, se tivesse usado o grampo da mãe no peito e não nos olhos...

ESFINGE

Assassino de Laio!

ÉDIPO

O quê?

Começa a ventar e o coro das estátuas se converte num coro de árvores que sopram.

ESFINGE

Assassino de Laio!

ÉDIPO

Como assim? O que tu queres dizer?

ESFINGE

Assassino de Laio!

Muito vento e do sopro nasce o canto.

CORO

É de pá

É de pe...dra

É de pó

Édipo

ESFINGE

Assassino de Laio!

O coro vai repetindo o refrão como em convulsão, concentrando-se no nome 'Édipo', desfazendo a floresta. Tirésias desaparece.

7. ASSASSINO DE LAIO

CORO

Édipo!!!

Édipo acorda de um coma. O povo agora é a classe média que bate panelas.

CORIFEU

Chega de letargia: o povo precisa de ação. Ou ages ou renuncias.

CORO

Ou ages ou não ages.

CORIFEU

É o ódio do povo que movimenta a história.

CORO

O ódio do povo!

CORIFEU

Serás nosso Luís XVI correndo nu pelos corredores de nosso castelo.

CORO

O rei está nu!

CORIFEU

Enfiaremos teu cedro de ouro no teu cu. Adornaremos teu crânio com uma coroa feita de teu intestino delgado. Vomitaremos nos teus olhos. Faremos farelo de tua língua. Esqueceremos o teu nome. Nosso ódio alimenta a história. Esperamos por ti como uma mãe ao filho, fizemos festa no dia em que derrotaste, sob o mínimo esforço, a terrível esfinge. Acreditamos em ti como a luz debe-

la a escuridão, nossas crianças aprenderam teu nome antes mesmo dos nossos, em nossas festas dedicaram a ti a fertilidade, dançamos tua felicidade, porque da felicidade se faz a força e da força se faz a paz. Portanto, majestade, ou tu mostras a força inerente a teu cargo ou será a nossa força protagonista deste trono que hora ocupas. O motor da história é o ódio do povo. Ou ages ou não ages!

CORO

Ou ages ou não ages!!!

ÉDIPO

Assassino de Laio.

CORIFEU

O quê?

CORO

O quê?

ÉDIPO

Assassino de Laio.

CORO

Assassino de Laio?

ÉDIPO

Assassino de Laio!!!

CORO

Assassino de Laio!!!

ÉDIPO (como quem fala ao mesmo tempo em que pensa)

O culpado por tudo isso é o Assassino de Laio.

CORIFEU

Como o sabes, majestade?

ÉDIPO

Assassino de Laio.

Tempo.

CORIFEU

Se tu, que sabes mais que todos nós, o dizes, então assim o é.

CORO

Se tu o dizes

Assim o é

Se tu o dizes

Assim o é

ÉDIPO

Que se retire o calor da dúvida. Sou rei. Revirarei cada pedra deste reino em busca deste homem: o assassino de Laio. E que sob a égide de minha ação tudo se revigore, tudo nasça. Sou rei! Que tudo se converta nisto: a revelação de um assassino torpe, matador de reis. Quem será tão covarde? Quem será tão impuro? Pude eu agarrar-lhe com minhas próprias mãos. *(Gargalhadas gerais.)* Mostrar-lhe a fúria de um rei. Apresentar sua ruína, endossar minha nobreza. A partir de então (e só então) serei rei. Quem é o assassino de Laio?

CORO DAS MULHERES

Ai! Ai de ti!

Que te reconheço como fosses feito do que

É feita a carne

Dos que padecem

Tentando em vão encontrar a si

Ai! Ai de ti

8. OUTONO

Entrada mesma forma elíptica, o mensageiro. Ações corriqueiras.

MENSAGEIRO

Sintam o clima. Uma brisa fugaz entenece-nos o semblante. Édipo pediu a alguns instantes atrás: ‘que se retire o calor da dúvida’. O tempo o atendeu: é outono. Nem era preciso anunciá-lo: as folhas no chão o denunciam. No outono, não sei se acontece com vocês, eu tenho mais fome. Nem por isso, entretanto, pareço mais feliz. Pelo contrário: há um clima de dor, como se a dor fosse densa. Assim será: Édipo reuniu os maiores especialistas em direito a que teve acesso. Depois descobriu: o direito é a arte de inventar verdades. Ele não queria inventá-las, isso seria fácil demais para um rei. Queria descobri-las. Para tanto, predispôs-se a ir a lugares que nunca tivessem ido. Confrontar-se com o desconhecido, pensava, era a única forma de descobrir o que ninguém havia descoberto. Montou, ele próprio, seu tribunal, onde será juiz e promotor, advogado de defesa e acusação e, por fim, júri. (Aí reside a inocência dos reis, no ato de secreto de ser o que quiser, como as crianças). Mas chega: minha fala já cumpriu sua função: o cenário está pronto. É outono. Daqui pra frente vocês podem tirar os cachecóis da gaveta e os lenços dos bolsos. Édipo sofrerá. Silêncio no tribunal. Que entre o Juiz!

Édipo entra paramentado. Faz-se um imenso silêncio.

ÉDIPO

Declaro aberta a sessão.

Édipo faz um gesto, um servo o entrega edição de Édipo Rei, de Sófocles. Lê.

ÉDIPO

Ouço tuas preces e a essas preces sou eu que respondo. Saiba acolher minhas palavras, saiba curvar-te às ordens do flagelo e terá o reconforto, o alívio esperado de tuas penas. Falo aqui como homem alheio ao assassinio de Laio, alheio ao próprio crime; eu não poderia sozinho levar adiante minha investigação, portanto, dirijo-me a todos aqueles dentre vós que souberem sob o braço de quem tombou Laio, o filho de Lábdaco, ordeno revelar-me tudo. Se ele teme por si mesmo, que se livre sem glória da culpa que lhe pesa: não sofrerá nenhuma violência e partirá daqui em plena segurança. Se ele souber ser outro o assassino – ou mesmo um homem nascido noutra terra – que não guarde silêncio, eu lhe pagarei o preço de sua revelação acrescido de minha gratidão. Mas se quiserdes permanecer mudos, se um de vós, temendo por um dos seus ou mesmo por si mesmo, furtar-se a meu apelo, saibais nesse caso como pretendo agir. Seja quem for o culpado, proíbo a todos, neste país onde tenho o trono e o poder, que o recebam, que lhe falem, que o associem às preces e aos sacrifícios, que lhe deem a menor gota de água lustral. Quero que todos, ao contrário, o lancem para fora de suas casas, como a imundície de nosso país, *(se desvincula do livro, como a devanear, ou percebendo que consegue desenvolver, pela primeira vez, um raciocínio)* seja lançado nos esgotos como excremento vil, seja tratado como isto: bosta. Ou antes, menos que isto: um canalha que fede, um porco imundo, sem vergonha, desgraçado, vil! Porco filho de uma porca, uma ratazana, uma cadela. Quando eu pegar esse merda vou arrancar seus olhos! Vou arrancar seus olhos! Arrancar os olhos!

ESFINGE *(de algum lugar simples)*

Chega.

Do seio do Coro, como num parto, nasce Tirésias.

CORO

Sementes somente caídas no chão
Quem dera não frutificassem
Mas vida é arte da superação
Estarás tu preparado?

Homem que vê que não vê que não vê
Homem que não pode ver
Homem que vê que não vê que não vê
O homem que tudo vê

CORIFEU

Eis, senhor, o homem que queres tu.

ÉDIPO (*depois de uma pausa dramática*)

Será assim, tão fácil, minha tarefa? Então és tu o vilão, o torpe, o imundo assassino de Laio?

TIRÉSIAS (*sob um sorrisinho*)

Eu?

CORO

Não, senhor!

CORIFEU

Ele não é o homem que tu queres.

CORO

Não, senhor!

CORIFEU

É o homem que vai dar-te o homem que tu queres.

CORO

Não, senhor!

CORIFEU

É Tirésias, o homem que tudo vê.

ÉDIPO

Mas ele é cego!

CORO

Não, senhor!

CORIFEU

Cego pelo que tu vês.

ÉDIPO

E o que posso eu não ver que um cego possa?

Tirésias sorri.

CORO

Os mundos paralelos
Os mundos oblíquos
Os mundos obscuros
Os mundos tortos

CORIFEU

A fama deste homem corre o mundo, como eco do eco, sendo ele o canal entre este mundo e os outros, lá onde, por falta de fé, não se havia ido. Não foi fácil, mas veio. Aqui está: Tirésias!

9. INTERROGATÓRIO DE TIRÉSIAS

ÉDIPO

Muito bem. Comecemos por ti. Que entre o advogado de acusação.

Édipo desce da posição de Juiz e assume, ele mesmo, a posição de advogado. O Coro murmura segredos.

ÉDIPO

Então és tu senhor de mundos outros?

TIRÉSIAS

Senhor? Não, senhor. Servo. Escravo.

ÉDIPO

Alivia, então, escravo, uma dúvida: porque quando eu, sem querer, referi-me a ti como culpado do assassinio de Laio, tu riste?

TIRÉSIAS

Porque isto aqui está uma comédia.

ÉDIPO

Aposto que sob teu sorriso cínico esconde-se uma verdade trágica.

TIRÉSIAS

Ô!

ÉDIPO

Isto é uma confissão?

TIRÉSIAS

Não haverá uma confissão tácita. Haverá uma revelação trágica.

ÉDIPO

Então não tarda e fala: qual?

TIRÉSIAS

Não adiantará que eu fale. Não acreditarás.

ÉDIPO

Isto é uma previsão?

TIRÉSIAS

Deixa-me ir embora. Será melhor. Desmonta teu circo: não imaginas as feras que te esperam.

ÉDIPO

Cheguei até aqui: enfrento-as. Bastará que me apresente-as tu!

TIRÉSIAS

Isto é uma previsão.

ÉDIPO

Deixa de floreios semânticos. Já não tenho bílis para mais angústias. Quem matou Laio?

TIRÉSIAS

Que surja quem te ancora.

ÉDIPO

Ninguém me ancora: estou ao léu!

TIRÉSIAS

Deixa sua condição de sombra: surge!

ÉDIPO

Pois deixa a sua de louco: fale!

TIRÉSIAS (*forte, como se o fosse*)

Apareça!!!

Surge Esfinge.

ESFINGE

Chega!

ÉDIPO

Não! Cheguei aqui. Irei além!

TIRÉSIAS

Trate de abandoná-lo. Deixe-o só!

ÉDIPO

Eu já estou só!

TIRÉSIAS

Basta!

ÉDIPO

Não! Não há volta!

TIRÉSIAS

Então apareça para todos, dá tua cara, revela-te!

ÉDIPO

Basta!

ESFINGE

Não!

TIRÉSIAS

Vem, mostra-te!

ÉDIPO

Tu não és louco!

ESFINGE

Não é hora!

ÉDIPO e TIRÉSIAS

Arranca a máscara! Revela-te!

ESFINGE

Não.

ÉDIPO

Agora!

TIRÉSIAS

Ou revela-te ou desapareças. Deixa esse pobre homem só!

ÉDIPO

O pobre homem aqui é você. E será mais!

TIRÉSIAS

Abandona-o!

ESFINGE

Abandona-nos!

ÉDIPO

Abandona-te!

ESFINGE

Basta

ÉDIPO

Basta!

ESFINGE e TIRÉSIAS

O assassino de Laio és tu!!!

Até aqui as palavras já tinham abandonado sua simples condição de som: ganharam corpo. Eram pedras contra parede de vidro. Aqui não. Aqui se ouve o peito que bate compassadamente, embora rápido. Ouve-se o momento exato após um enorme alarido: não se sabe se é som ou silêncio. Esfinge se recolhe.

ÉDIPO

Repete, se tens coragem.

TIRÉSIAS

Os séculos confirmarão minha verdade. E cada vez que pegarem neste texto que trazes debaixo do braço, serás tu o rei e eu um pobre homem. Terás tu visão e eu cegueira. Mas de que te serve a visão? É o que perguntarão, frente a minha cegueira. Então, observa por meus olhos, que minhas palavras se convertam em imagens e tais imagens em tua ruína. Lembra: Tudo está escrito. Serás mil vezes rei, depois mil vezes cego. Eu não terei escolha: serei pra sempre o que sou.

ÉDIPO

Não te entendo. Sê claro!

A partir daqui o coro das mulheres começa a acompanhar o texto de Tirésias com lamentações íntimas, como um canto pessoal.

TIRÉSIAS

“Teu rosto não me assusta: não és tu quem pode me destruir. Eu te digo sem receio: o homem que procuras há algum tempo, com todas essas ameaças, essas proclamações sobre Laio assassinado, esse homem está aqui mesmo. Acreditam ser um estrangeiro, um estrangeiro estabelecido neste país: ele se revelará um tebano autêntico – e esse fato não lhe causará alegria. Ele via: desse dia em diante será cego; ele era rico: mendigará. E, tateando o caminho à sua frente com o bastão, irá para uma terra estrangeira. De um só golpe, ele se descobrirá ao mesmo tempo pai e irmão dos filhos que o cercavam, esposo e filho da mulher da qual nasceu, rival incestuoso e assassino do próprio pai.”

CORO

Matarás o pai
Foderás a mãe
Matar-se-a a mãe
Tu não mais verás

TIRÉSIAS

Assim está escrito.

ÉDIPO

Ainda não compreendo. Sê claro, se te pretendes vivo. Dizes tu que este homem sou eu?

Gargalhadas gerais do coro.

TIRÉSIAS

Não digo. Repito.

ÉDIPO

Repete de quem?

TIRÉSIAS

Está escrito.

ÉDIPO

Tragam-me papel e caneta.

Servo traz.

TIRÉSIAS

Pobre homem.

Gargalhadas do coro.

ÉDIPO

Palavra sob palavra se finda. Lei que se instaura. Rei que se assume. Finalmente. Que ante a pena de meu poder o tempo mude seu curso. Assim será reescrito: (*Escreve*). Das palavras de um velho sábio nascerá um assassino de reis. Tendo matado um e ocultado todas as provas de seu crime, tenta, com palavras, matar o outro. Mas se este homem é sábio, porque não encontra saídas pra sua própria ruína? Porque não desvenda a cura pra sua cegueira? Ou pra sua miséria? Resposta: porque ele não é sábio. Eis um homem de quem se duvida. Age por forças sobrenaturais? Será suficiente para que nos submeta a seus desígnios? Não. Isto não é uma prova. Nem ao menos um indício. Ou antes, se acusa sem prova é porque tem interesse. Mais: é porque tem culpa. Acabou-se minha paciência: ou surgem provas ou o culpado será ele. Inventarei o culpado. Eis outra artimanha da justiça. Esta será minha primeira lei. E tenho dito.

TIRÉSIAS

Assim será?

A lei de Édipo é colocada sobre uma bandeja e é mostrada ao público. Enquanto o coro entra, Esfinge entra e põe fogo na lei.

ÉDIPO (*Olhos vidrados no fogo. Ou nas cinzas*)

A acusação está satisfeita, meritíssimo.

10. DEPOIMENTO DE JOCASTA

Édipo se desloca novamente do papel de advogado para o papel de juiz. Esfinge retira-se, acompanhada por Tirésias.

ÉDIPO

Que entre o próximo depoente.

JO

Chamaste, meu rei?

CASTA

Chamaste, meu rei?

ÉDIPO

Ó, minha rainha. Sinto, em tua presença, uma paz que me acalma, como se tu fosses meu leito onde descanso meus pesares. Aproxima-te. Quero-te agora.

JO

Mas aqui na frente de todos?
Não seria um tanto imoral?

CASTA

Não posso. É como nos pesa a lei. Vim como testemunha.

ÉDIPO

Este tribunal entra temporariamente em recesso.

Martelo. Todos os presentes colocam vendas nos olhos. Édipo e Jo/Casta se aproximam, intimamente/docemente.

ÉDIPO

Minha rainha, me salva. Estou só.

JO

Chega mais perto, meu marido, e, transformando-se meu, perceberás que não estás só.

CASTA

Não diga isto. Tens a mim, tens duas filhas, tens um povo que te ama. Tu não estás só.

ÉDIPO

Sabe por que exigi ficar a sós contigo, minha rainha?

JO

Acho que sim...

CASTA

Não, meu senhor.

ÉDIPO (*choroso*)

Porque aquele homem é mau. Ele disse que eu sou mau. Mas eu não sou mau. Você sabe que eu não sou mau, Jocasta? Sabe?

JO

Ô... vem aqui, meu reizinho indefeso...

Deixa que eu te console...

CASTA

Não fique assim majestade.

Deixa que eu te console...

ÉDIPO

Eu posso chorar?

JO

Chora, Édipo.

E deixa que eu cante pra ti.

CASTA

Claro que pode.

E deixa que eu cante pra ti.

Édipo então chora copiosamente. Jo/Casta cantam com Édipo sobre os seios/sob os braços. Ao longo da canção, Jo/Casta vão novamente sentindo as dores do parto. Dores crescentes.

JO/CASTA

Dorme, meu coração
dentro do meu coração
come meu coração
e me entrega os pedaços

CORO (de olhos vendados, repetindo)

Dorme como se fosses morto.

JO/CASTA

Dorme, meu coração
dentro do meu coração
come meu coração
e me entrega os pedaços

CORO (de olhos vendados, repetindo)

Dorme como se fosses feliz.

Jo/Casta, sob gritos, dá a luz a mais um menino. Pausa geral.

Vem servo, ainda de olhos vendados.

JO/CASTA

Qual o sexo?

SERVO

Homem.

JO

Mata!

CASTA

Leva.

Servo leva a criança embora com dificuldades.

JO

Agora você, meu rei...

CASTA

Majestade...
Não permita que a dúvida tome
conta de ti.
Sê forte.

Sê forte.

ÉDIPO

Eu não sou forte. Sou um menino fazendo um castelo de areia.

JO

Sim...

Você é meu rei menino.

Mas nossos problemas são adultos.

Acorda.

CASTA

Não!

Você é o rei de Tebas!

Isto não é um conto de fadas!

Acorda!

ÉDIPO

Eu não sou mau. O vento está derrubando meu castelo.

JO

Nosso castelo é de pedra.

Nosso povo não.

CASTA

Deixa de sandices, Édipo.

Nosso povo sofre!

ÉDIPO

Ele disse que eu sou o assassino de Laio.

JO

Não confia nesses adivinhos, meu rei.

Deixa eu te contar uma história.

Há muitos anos atrás, um desses adivinhos nos mandou uma carta,

Quando Laio ainda era vivo.

Uma terrível maldição: Laio seria morto por um menino que

CASTA

Não confia nesses adivinhos, majestade.

Deixa eu te contar uma história.

Quando Laio ainda era vivo, Recebemos de um desses

Uma terrível maldição. Laio seria morto por um menino que

nascesse dele e de mim. Laio, como sabemos, foi morto por assassinos numa encruzilhada. Ouviu?

(Ri muito)

Isto não se cumpriria.

O menino foi morto para que não se cumprisse tal terrível profecia.

nascesse dele e de mim. Laio, como sabemos, foi morto por assassinos numa encruzilhada.

Isto não se cumpriu.

O menino foi levado daqui para um lugar ermo e deixado só.

ÉDIPO

Laio foi morto numa encruzilhada?

JO

Sim.

CASTA

Sim. É o que dizem.

ÉDIPO

Quando?

JO

Pouco antes de tua triunfal chegada a Tebas.

CASTA

Pouco antes de tua chegada a Tebas.

ÉDIPO

Como era o rei Laio?

JO

Parecido contigo, mas velho. Longos cabelos brancos.

Um homem grande e um rei viril.

CASTA

Parecido contigo, mas velho. Longos cabelos brancos.

Um homem sábio e um rei correto.

ÉDIPO

E esse menino?

JO

Jaz.

CASTA

Jaz.

ÉDIPO

Digo, como tiveste coragem de entregar um bebê recém-nascido assim?

JO

Era uma aberração.

CASTA

Não era uma criança qualquer.

ÉDIPO

Era teu filho!

JO

Ninguém o sabe melhor que eu.

CASTA

Ninguém o sabe melhor que eu!

ÉDIPO

Como pôde? Não bastasse um bebê recém-nascido entregue aos abutres, esse bebê era fruto de teu ventre!

JO

Silêncio!

Quem mais sofre com isso sou eu!

CASTA

Chega!

Já não imaginas como sofro com isso!

ÉDIPO

Então porque deixaste matarem teu filho!

JO

Porque ela ia matar o pai!

CASTA

Porque ele ia matar o pai!

ÉDIPO

Bela decisão: para salvar o pai, sacrificar o filho!

JO

Não era só isso!
Não me acusa sem ter indícios!

Sou mulher, mais que rainha!

Todos os dias,

Ao dormir de bruços,
Quando banho nossas duas
filhas,
Eu sofro.
Portanto, não julgue o que não
alcanças!

Tenho minha culpa, minha má-
xima culpa, deixa-a comigo.

CASTA

Não sabes de nada!

Fiz o que fiz por que tinha que
ser feito!

Sou rainha, mais que mulher!
Mas sofro,

Sempre que lavo meus cabelos,

Quando banho nossas duas
filhas.

Portanto,

não cita o que não sabes!
Tenho minha culpa, minha má-
xima culpa, deixa-a comigo!

ÉDIPO

Eis uma confissão. Tão breve termine este julgamento, rainha, dar-se-á início o teu. Olhe bem pra mim: eu podia ser esta criança. Talvez por isso gostes de homens mais novos em tua cama de cetim, para compensares a culpa...

JO

Chega!
Enforca-me! Degola-me! Cega-
me! Mas Basta! Passei anos

CASTA

Basta!
Enforca-me! Degola-me! Cega-
me! Mas chega! Passei anos

sufocando essa dor, sou mais forte que ela e não é um rei bastardo como tu que vai fazê-la vencer! Chega!

sufocando essa dor, sou mais forte que ela e não é um rei bastardo como tu que vai fazê-la vencer! Basta!

ÉDIPO

Por enquanto, basta. Chega. Mas tua hora virá. E quando ela vir, nem que eu fosse teu filho, perdoar-te-ia.

Gargalhadas do coro.

ÉDIPO

Que retornemos ao julgamento.

Todos tiram as vendas dos olhos.

ÉDIPO

O depoimento da rainha já foi tomado. Em sigilo. Descobrimos outros crimes sem julgamento. Serão retomados em seguida. Em Tebas não restará pedra sobre pedra. Aqui será assim: olho por olho, dente por dente. Tirem a rainha daqui.

CORO

Dorme, meu coração
dentro do meu coração
come meu coração
e me entrega os pedaços

11. MENSAGEIRO

Entre Mensageiro. Mesma cena elíptica.

MENSAGEIRO

Perceberam como as coisas escureceram por aqui? Mas não se engane: o outono tem desses interstícios. O tempo é um labirinto, quando achamo-nos mais perto de alguma saída, é quando estamos mais perdidos. Mas se não é para mudar a estação, porque estou aqui? Não, não há nenhuma mensagem subliminar: vim cumprir minha verdadeira função dramaturgica. Políbio, rei de Corinto, acaba de falecer, de morte natural. Dizem que morreu dormindo. Mas desses detalhes não sei. Sei apenas que esta notícia será crucial para os desígnios de Édipo. Bem, não vou revelar muito porque se revelasse, que graça teria nosso drama? Serei agora parte dele. Mais tarde, porém, serei eu mesmo a trazer o frio. Com licença.

Dirige-se ao júri.

MENSAGEIRO

Meritíssimo: peço a palavra.

ÉDIPO

Se há algo de mais importância do que o que aqui se engendra, fala. Senão, cala-te e retira-te, que não há tempo para futilidades.

MENSAGEIRO

Obrigado, soberano. Trago-vos notícias de Políbio, vosso pai.

ÉDIPO

O tempo é mesmo uma das faces de deus. Ainda me lembro do rosto de Políbio?

MENSAGEIRO

Não serão boas novas, mas necessário que as saiba.

ÉDIPO

Estás tentando alguma artimanha dramática? Quanto mais prote-las mais me alteras. Fala agora!

MENSAGEIRO

Políbio, vosso pai, rei de Corinto, é morto.

ÉDIPO

Morto? Como? De morte natural?

MENSAGEIRO

Como é direito dos velhos.

ÉDIPO

Então é verdade: adivinhos mentem. Não há mundo paralelo, nem sabedoria superior. Tudo é feito aqui e agora. Todos somos res-ponsáveis diretos pelos atos presentes. Assim é, assim será.

CORIFEU

Fala, quase comemora, apesar de notícia dura.

CORO

Explica-te, ó rei.

CORIFEU

Por que felicitas a morte do pai?

CORO

Explica-te, ó rei!

ÉDIPO

Por que também eu recebi uma profecia dizendo que meu pai seria morto por minhas próprias mãos. Que eu seria o assassino de Polúbio. Não fui! Ele morreu só. Não matei meu pai! Eu não matei meu pai! Que se substitua este júri por uma festa. Que todos esqueçam quem são e se inebriem na felicidade de um homem que está livre de si! Um brinde à verdade! Vários brindes à verdade! Que se faça a festa! Violenta e viva! Sob as ruínas da arte da adivinhação!

12. A FESTA

Luzes e muitas. Sons e gestos. A festa é sob o ritmo de bacantes selvagens. Tudo é putaria.

CORO

Liberta o pensamento das coisas paranormais
tudo é explicado por ciências naturais
só é o que é o que é o que é o que é
só é o que é o que é o que é o que é

é hora viver o aqui agora e pra valer
chega de ao desconhecido sempre recorrer
só é o que é o que é o que é o que é
só é o que é o que é o que é o que é

ÉDIPO

Ninguém é de ninguém!

CORO

Ninguém é de ninguém
ninguém pertence a ninguém
todo mundo é de todo mundo
se é teu é meu também

ÉDIPO

Um brinde à morte da culpa!

CORO

Uma folha de parreira
cobre minha xereca
cobre o meu pau
representa o pecado original

uma voz meio rouca
veio e me falou
não come dessa fruta
olha, mas que ordem fé da puta

há uma verdade
sobre a humanidade:
aumenta minha libido
o que é proibido
se falar que não
não consigo segurar o meu tesão

fode, fode, fode
fala que não pode
fode, fode mais
pau na frente, pau no meio, pau atrás
xota aberta, arreganhada, xota e cu
sacanagem escancarada ai love iu!

ÉDIPO
Espera!

A festa, que havia se transformado numa orgia dionisíaca, de repente, sofre pausa fulminante.

ÉDIPO
E Mérope, minha mãe?

MENSAGEIRO
O que tem ela?

ÉDIPO
Vive?

MENSAGEIRO

Está triste, enlutada, mas vive.

ÉDIPO

Cessa a festa. Instantaneamente.

Guardam tudo que por ventura tenha surgido. Roupas tiradas são recolocadas. Clima hipócrita, como se nada houvesse acontecido.

CORIFEU

Mas porque, majestade?

CORO

Por quê?

ÉDIPO

Porque contei apenas metade da previsão. A outra metade dava conta de que eu teria relações com minha mãe. Relações sexuais. Se é viva Mérope, ainda existe esta possibilidade. Portanto, não é hora de festa. Esperemos que minha mãe morra.

Gargalhadas do coro.

MENSAGEIRO (em euforia)

Não, majestade! Não interrompeis a festa que está ótima. Tenho-vos outra notícia.

ÉDIPO

Sem estratégias comunicativas agora. Fala-a!

MENSAGEIRO

Se tendes medo de unir-vos a Mérope, apesar da idade dela, por ela ser vossa mãe, não vos preocupais. Ela não é vossa mãe natu-

ral.

ÉDIPO

O que dizes?

MENSAGEIRO

Que se é este vosso problema, ser filho legítimo de Mérope, não existe problema. Não sedes filho legítimo de Políbio! Ouvirdes, majestade? Vós não sedes filho legítimo de Políbio e Mérope! Podemos retomar esta festa bacante!

ÉDIPO

Juras dizer a verdade, nada além da verdade, sob o poder e glória de um rei?

MENSAGEIRO

Esta é a minha função, majestade.

ÉDIPO

Conta agora os meandros do que tu sabes, ou a tua língua exposta em bandeja de prata será um amuleto à verdade.

MENSAGEIRO

Eis a verdade: Há anos, já os perdi em conta, fui incumbido por Políbio de arrumar-lhe um filho, já que a união dele e de Mérope não havia se mostrado proffcua em termos reprodutivos. Procuramos, entre as parturientes, quem pudesse nos ceder o filho recém-nascido, mas, antes que pudéssemos encontrá-lo, achamos por bem não envolver filhos de Corinto, porque isso poderia complicar nosso intento de forjar o nascimento de filho legítimo de reis infecundos. Então, já distante de nossas fronteiras, encontrei um cidadão tebano, com um pequeno recém-nascido no colo, que trazia no rosto enorme tristeza, como se nunca tivesse experimen-

tado o alimento de mãe, mas que me encheu de alegria. Olha como é o destino: eu precisava, ele tinha. Comprei a criança, majestade, por poucos trocados, uma vez que o tebano também desejasse salvar a pobre criatura.

ÉDIPO

Compraste uma criança?

MENSAGEIRO

Comprei a criança.

ÉDIPO

De um tebano?

MENSAGEIRO

Uma alma boa de Tebas.

ÉDIPO

Um crime justifica o outro?

MENSAGEIRO

Salvar uma criança será sempre uma dádiva.

ÉDIPO

Porque não te tenho ódio?

MENSAGEIRO

Porque é hora de dormir, Édipo. Adormecer todas as dúvidas que ululam em vós. Engoli-las. Depois vomitá-las com sofreguidão. E comer novamente.

ÉDIPO

Que palavras são essas que não são suas? Falas em nome de

quem?

MENSAGEIRO

Enfim. Já era hora. Fecha os olhos. Vê-me.

Lentamente Édipo fecha os olhos. Como que dentro de suas pupilas todo o palco escurece, ficando apenas sua imagem, quase triste. Tempo.

13. INVERNO

MENSAGEIRO

Agora sim, tirem as blusas de lã e as luvas do armário, façamos a festa do conhaque e do chocolate quente: é inverno. No inverno as pessoas ficam mais belas porque se vestem melhor. Édipo, todavia, tem os olhos fechados. Assim, sob a serenidade de quem se recolhe, experimenta o peso dos séculos. Ele que, a partir de sua fama, como sabemos, viverá para sempre. No inverno as noites costumam ser mais longas. Se alguém quiser pintar um ser que sofre, não o pintará numa paisagem de verão. Aqui as pessoas não são mais próximas porque são subitamente melhores. São, porque é necessário. Um calor de um corpo acalenta o outro. Assim, temos a falsa sensação de que, sob o mormaço da lareira as famílias sejam mais felizes. Não são. As paisagens turvam os sentidos. Édipo, por exemplo, experimentará o mormaço de uma nova família. Mas não será mais feliz, ele que, atormentado por previsões desde que era bebê, nunca o fora. Haverá saída para este homem?

Sai. Surge Esfinge.

ÉDIPO

Brincas. Diverte-te. Gozas.

ESFINGE

Não te enganes. Não queiras trocar tua sina pela minha.

ÉDIPO

Vi-te ao lado daquele adivinho.

ESFINGE

É um antigo amigo.

ÉDIPO

E eu? Tens-me como amigo?

ESFINGE

Tenho-te como modelo.

ÉDIPO

Erra-me.

ESFINGE

Não posso. Erraram demais por ti.

ÉDIPO

É isso! Sinto que, apesar de ter falado muito, de ter imposto a autoridade dos tiranos, ainda sou aquele homem parado do começo desta história, sem saber quem é, quem será.

ESFINGE

Não és feito para ti mesmo.

ÉDIPO

Sou algum tipo de oferenda?

ESFINGE

És o cordeirinho de Deus. Prepara a garganta: ela é a primeira que se corta no sacrifício.

ÉDIPO

Tens piedade de mim!!!

Pausa

ESFINGE *(se aproxima para beijar-lhe)*

Eu tenho.

Beijam-se. Cai, do alto do palco, uma das crianças rejeitadas por Jo/casta. Tempo. Vão caindo, lentamente, as crianças, uma a uma.

CORO (simplesmente)

Dorme, meu coração
dentro do meu coração
come meu coração
e me entrega os pedaços
Matarás o pai
Foderás a mãe
matar-se-á a mãe
tu não mais verás

é de pá
é de pedra
é de pó
Edipo

Édipo abre os olhos. Há uma revolução na cena. Estamos novamente num júri, exatamente como antes. Eventualmente continuam caindo crianças.

14. DEPOIMENTO DE SERVO

ÉDIPO

Sei onde vou chegar. Já sei como termina. Todo mundo sabe. Mas quero ir até o fim. Dou prosseguimento à sessão. A acusação tem a palavra.

Martelo.

ÉDIPO

Debaixo das pedras, outras pedras. Não há fundo. Há entulhos malditos postos sobre o assassinato de um rei. Removê-los-ei sem mais ressalvas. Ou tudo está ligado, como contas de um rosário, ou minha mente perverte meus sentidos e lanço-me à mais pura escuridão das lógicas. Há, no entanto, um fio tênue que me liga à verdade. Segui-lo será escapar do Minotauro ou entregar-me a ele? Prenda real? Não tenho medo. Dentre vós, a verdade reside nos braços de um homem simples. Um tebano desgraçado e simples. Substituo a pergunta basilar. Por hora, não quero saber quem é o assassino de Laio. Quero saber quem é o vendedor de crianças. Quem é o vendedor de crianças?

CORO

Quem é o vendedor de crianças?

ÉDIPO

Apresenta-te agora!

CORO

Quem é o vendedor de crianças?

O Coro realiza coreografias convulsas. De repente, como num parto, pula de dentro do coro um velho. Está nu e assustado.

ÉDIPO

O próximo depoente és tu!

SERVO

Eu? Por que eu?

ÉDIPO

Porque eu já sei onde isso vai dar. Mas preciso de um bode expiatório.

SERVO

Escolhe outro. Tenho mulher e filhos.

ÉDIPO

Convenhamos que este não seja um bom argumento aqui.

SERVO

Ó meu senhor, servi-vos, esses anos todos. Vi vossas filhas crescerem. Servi-as, também. Servi vosso pai...

ÉDIPO

Isso é uma confissão?

SERVO

Não, digo, o marido de vossa mãe, melhor...

ÉDIPO

Vocês, da plebe, tem o péssimo hábito de falar de cabeça baixa. És velho, o sei, mas não confundamos idade com resignação. Aqui, serás uma espécie de ator que irá interpretar um personagem com muito mais dignidade que tu. Consegues?

SERVO

Não sou personagem, soberano, sou pequeno demais para qualquer representação. Sou velho e ser velho me basta.

ÉDIPO

Levanta tua cabeça.

SERVO

Aprendemos a resignação e a humildade frente a reis. Permita-me ater a elas.

ÉDIPO

Eu ordeno.

SERVO

Eu não posso...

ÉDIPO

Eu o quero!

SERVO

Eu não o sei!!!

15. FUNK DA AUTORIDADE

ÉDIPO

Não te bastam minhas palavras, bastar-te-á minha ação. Que entre a persuasão!

Entram dois soldados da PM brasileira, sob dissonâncias. Um deles é a Esfinge. Com eles, volta o coro da Chacretes Trágicas.

SOLDADOS

Vou passar cerol na mão
vou pedir sua identidade
quem manda aqui sou eu
obedeça a autoridade

bota a mão na cabeça
abre a pernas meu irmão
tenho arma na cintura
cassetete tá na mão

CHACRETES TRÁGICAS

Dói
um tapinha não dói
um tapinha não dói
um tapinha não dói
só um tapinha

As chacretes e os PM's prendem Servo e o espancam. Tempo. Servo fica caído no chão, sangrando sua covardia máxima.

16. RETORNO AO DEPOIMENTO DE SERVO

ÉDIPO

O depoente é da acusação.

Édipo assume a posição de advogado.

ÉDIPO

Onde está o mensageiro de Corinto?

MENSAGEIRO

Aqui estou, majestade.

ÉDIPO

Mensageiro de Corinto, tu que nos revelaste o irrelatável, revela mais: é este o homem de quem compraste o bebê?

MENSAGEIRO

São muitos os anos. Não me recordo o rosto. Foi tudo tão rápido.

ÉDIPO (*chamando um dos Pm's*)

Persuasão!

O PM dá um passo em direção a Mensageiro.

MENSAGEIRO

Sim, é ele. Tenho certeza, absoluta. É ele. Com certeza!

ÉDIPO

Ótimo, agradeço-te. Tua participação foi decisiva. Agora, vai.

Sai o Mensageiro. Servo está imobilizado pelos PM's.

ÉDIPO

Foste tu que levaste a criança para vendê-la ao coríntio?

Servo resiste. Mas os PM's fazem que ela afirme, balançando-lhe afirmativamente a cabeça.

ÉDIPO

Muito bem. E foste tu que, depois de receberes ordens expressas de matar a criança, escolheste, por conta própria, poupar-lhe a vida, desobedecendo teu rei e senhor?

Idem.

ÉDIPO

Agora, sob o peso de minhas ordens e do medo que te acompanha, sob o peso de todas as máculas de Tebas e todas as máculas do mundo, olha bem pra mim, encara-me, observa-me e dizes: sou eu esta criança?

Servo chora.

ÉDIPO

Sou eu esta criança?

Servo retém-se.

ÉDIPO

Sou eu esta criança???

SERVO

És!!!

Tremor coletivo. Tempo.

ÉDIPO

A acusação está satisfeita, meritíssimo.

Édipo troca de função.

SERVO

Tenho direito a defesa!!!

ÉDIPO

Terás, sob as mãos do povo. Povo de Tebas! O júri já tem um veredicto?

As pessoas de Tebas se eriçam. Édipo se desloca para a posição do Juri. À medida que Édipo fala, evoluem em euforia popular.

ÉDIPO

Culpa sem culpa. Mal sem desejo. Comida sem fome. Ai, de mim.

Silêncio aterrador. Édipo retorna para posição do juiz.

ÉDIPO

Já temos um veredicto. Agora, teremos a pena.

Ansiedade convulsiva.

ÉDIPO

Há alguns anos atrás, passava eu por uma encruzilhada quando fui surpreendido por um velho e outros homens que me interpelaram como violência, como se fossem senhores dessas terras. Houve um embate sangrento. Guiado por mãos que não eram minhas, salvei-me a vida, mas tirei a deles. Este homem era Laio, meu pai. Procu-

rávamos o assassino de Laio? Este assassino sou eu. Mas não tive culpa. Não sou eu o carrasco. Sou a vítima. Vítima dos covardes. Vítima dos fracos. Quando se recebe uma ordem de um soberano, esta ordem vira lei. Este homem, povo amado, cometeu o pior dos pecados: a piedade. Receberá em troca o revés. Ele será entregue a vós. Ele será novamente julgado. E novamente condenado. Agora enxergo tudo. Povo de Tebas: viemos até aqui. Chegamos onde havíamos de chegar. Tenho um pária para todos os males. Este homem será vosso Judas. Queimá-lo significará queimar vossas dores, vossos males, feridas, pecados. Salvar-vos-eis em sua morte. Eis, povo amado, um culpado. Fazei dele o que for de vossa vontade! E tenho dito.

CORIFEU

Olho por olho. Dente por dente.

CORO

Olho por olho. Dente por dente. Olho por olho. Dente por dente.

Os PM's soltam o Servo em meio às pessoas alucinadas. Todas têm garfos nas mãos. Ele tenta fugir, mas as pessoas o barram, como na farra do boi.

CORO

O Judas já morreu
foi a cachaça que bebeu!

O Judas já morreu
foi a cachaça que bebeu!

Em fúria, ou festa, o povo acoessa, machuca, desgraça o homem. Queima, cospe, urina, degola, esquarteja. Depois, o povo sai com o corpo, como prêmio. Continuam caindo as crianças, agora, com mais intensidade.

17. MORTE DE JO/CASTA

ÉDIPO

Onde está aquela mulher?

JO

Aquela mulher sou eu?

Já estou aqui, não vês?

ÉDIPO

Acompanhaste tudo?

JO

Peço-te, senhor.

Para com essa busca.

São terríveis os meus desígnios.

CASTA

Aquela mulher sou eu?

Não precisa chamar, Édipo.

Já estou aqui.

CASTA

Imploro:

Para com essa busca.

São terríveis os teus desígnios.

ÉDIPO

Não podemos mais. Uma vez começado o caminho, até voltar é segui-lo.

JO

Não.

Podemos nos impor na mentira.

Cala o teu instinto.

Deixa comigo a culpa.

Eu me encarrego dela, sozinha.

CASTA

Não.

Há anos calo meu instinto.

Cala o teu.

Interrompe este teatro.

Reescreve-te, do princípio.

Deixa comigo a culpa.

Dá-me tua cruz.

Dá-me minha cruz!

ÉDIPO

Não! Não percebes? Eu não estou mais aqui: sou o cadáver do que não fui. Uma rainha e um rei mataram-me, assim que nasci. Portanto, como não sou nada, vou às últimas. Queiras tu, ótimo. Não queiras, melhor ainda. Será uma vingança.

JO

Vives.

Isso já é uma espécie de vingança.

CASTA

Estás vivo.

Queres vingar o quê?

ÉDIPO

Condenaste-me ao degredo, um dia. Como um louco, vaguei sem saber quem era, embora nem soubesse que não sabia. Sabia apenas que guardava uma angústia sem tamanho, como comida mal deglutida.

JO

Não vomites tal indigestão...

CASTA

Permanece assim.

Saber não te fará melhor.

ÉDIPO

Não é mais questão de ser melhor ou pior. É de ser alguma coisa. Ser ou não ser.

JO

Escolhe não ser.

ÉDIPO

Não cometerei o mesmo erro que tu.

JO

Eu não tinha escolha!

CASTA

Eu não tinha escolha!

ÉDIPO

Tinhas! Tivesses tu convicção de mãe e um dia, ao invés de entregar-me aos abutres, terias tu desafiado o destino e dito, a quem o quisesse ouvir: 'não'. E nada disso teria acontecido. Seríamos uma família, se não feliz, normal. Não te veria como mãe e mulher. Não teria maculado o imaculável.

CASTA

Ele está certo!

Casta começa a recolher bebês.

JO

Não!

ÉDIPO

Não tens vergonha? Exposta tua covardia, quanto te resta de soberba?

CASTA

Lava essa cara. Não tens mais como esconder. Ele está certo.

JO

O corpo é meu. Não sou uma fábrica de filhos. Não quero ter, não terei.

CASTA

Cala-te. Não há mais espaço para tua soberba.

JO

A minha soberba está no meio de minas pernas.

ÉDIPO

Que tom descabido é este? Enlouqueces?

JO

Não!

CASTA

Sim!

JO (a Édipo)

Esta tragédia é tua. Quero que me retires dela.

ÉDIPO

A minha tragédia é filha de tua covardia!

CASTA

A tragédia dele provém de tua covardia!

CASTA

Basta! Passei anos admitindo-te em mim.

JO

Chega! A covarde aqui és tu!

ÉDIPO

Enlouqueceste!

JO

Sim. Sou a velha bêbada dos contos infantis que não fala coisa com coisa, mas que mais tarde se revela a bruxa má. Sou a mulher que morre apedrejada ante a justiça dos homens. Sou a tia que costura um gorrinho para o sobrinho neto, mas que secretamente se mas-

turba com a agulha de crochê. És meu filho? Não és! Morreste no exato dia em que nasci. Quando disse pra mim mesma que minha função era não ter filhos, que eu não sou uma fábrica. Renunciei a ti em nome de uma coisa que era muito maior que tu.

CASTA

Não há nada mais sagrado que um filho!

JO

Um filho é uma coisa como todas as outras! Quicá, menos!

ÉDIPO

Fala baixo. Não deixa que minhas filhas ouçam-te.

CASTA

Fala baixo, emudece-te!

JO

Grito. Escancaro pra quem quiser ouvir: não somos fábricas de filho! Não somos fábricas de filhos! Não somos fábricas de filhos!

Casta começa a atirar bebês em Jô, com violência. Édipo vira de novo quase uma estátua.

CASTA

Então toma! Toma teus filhos! Toma todos os filhos de todas as mulheres que pensam como tu. Tenho muito orgulho de ser mãe. Não tens o direito de questionar-me nisto. Tens que morrer em mim! Morra em mim, sua vadia! Não queres ser mãe, mas ser puta! Puta safada! Toma teus filhos, trepa com eles! Peca, imunda! Rainha imunda! Rainha imunda!

Jo está caída, sob o sangue de sua convicção, rodeada de cadáveres.

Tempo. A atriz que a interpreta tira seu figurino e com ele monta em Casta a imagem da Virgem Maria, cantando:

ATRIZ QUE INTERPRETAVA JO

Dorme filho
dentro do meu coração
come meu coração
e me entrega os pedaços

CORO

Ela é a dona de tudo,
Ela é a rainha do lar,
Ela vale mais para mim,
Que o céu, que a terra, que o mar,
Ela é a palavra mais linda,
Que um dia o poeta escreveu,
Ela é o tesouro que o pobre
Das mãos do senhor recebeu,
Mamãe, mamãe, mamãe,
Tu és a razão dos meus dias,
Tu és feita de amor e esperança,
Ai, ai, mamãe,
Eu te lembro chinelo na mão,
O avental todo sujo de ovo,
Se eu pudesse,
Eu queria outra vez mamãe,
Começar tudo, tudo de novo

Édipo se ajoelha em frente à mãe.

ÉDIPO (se esforça para conter o choro)

Perdão, minha mãe. Perdão, minha mulher. Desculpa não ter sido a criança que poderia ter sido. Eu não tive culpa. Eu tive culpa.

Tive, mas não tive.

18. LIBERTAÇÃO DAS MULHERES

ATRIZ QUE INTERPRETAVA JO

Cala a boca, menino, minha personagem não suporta teu choro, eu também não. Não te tenho nenhum dó. Percebes a ironia? Eu sim, agora que me retirei do drama. Esta era pra ser a tragédia de um homem, ou a tragédia provocada por um homem. Mas não. Não satisfeito de fazer uma mulher pagar as artimanhas de um destino masculino, seu autor ainda a fez mãe. Mãe do desgraçado que agora agoniza sua ignorância suprema, ignorância de rei. Mulher se confundindo com culpa. Intermitentemente. E se eu me retirasse do drama? Pois bem, já o disse, já me retirei. Agora, o que te resta é uma santa, imaculada sem pecados, uma virgem gloriosa. Terias tu coragem de culpa-la? Minha personagem é morta. Tens aí uma imagem que pela santidade nos exime qualquer culpa. Pra quê? Pra que reste tu ao centro do mundo, para onde tudo converge, um mero arremedo de rei? Sim, mas rei. Quiseste-o? Não. Aceitaste-o? Sim. Qual a diferença, Édipo? O destino é uma escolha, uma escolha não é necessariamente um aceite. Entendes? Escolhes o que não escolhes. É simples. Fica tu com tua culpa.

Durante a fala da Atriz que interpretava Jo todas as mulheres do elenco se reúnem em coro. Todas revelam que estavam usando perucas, estão todas carecas.

CORO DAS MULHERES

Habita meu corpo esta culpa
Condição feminina
Que a vida em mim sublima

Habita porque acho que habita
Esta culpa feroz
Maiúscula, obtusa, atroz

Habita, me torna menor
Senil, diminuta
A filha da filha da puta

Habita meu corpo e meu lar
´sta culpa sonora
Que meu canto embolora

CORIFÉIA

Mas, eis que um homem feito rei sem que o coubesse, ralentado por sua própria inércia ou ignorância, esvaziado de seu posto de homem, um rei apenas, trouxe-nos numa bandeja de prata toda sua inutilidade, como cabeça de João Batista, passividade cristã, morrer de olhos abertos...

CORO

Passividade cristã
Morrer de olhos abertos

CORIFEIA

E nos seus olhos abertos, como num espelho, refletia-nos assim, passivas, pior do que ele, passivas no reflexo, ai de nós...

CORO

Pior do que ele
Ai de nós!

CORIFEIA

E ali, refletidas nos olhos de um homem, tombamos para trás sob o peso da história, desapareceríamos? Atrás de um homem bom? Uma mulher feliz?

CORO

Atrás de um homem
Há sempre uma mulher feliz

CORIFEIA

Não!

CORO

Não!

CORIFEIA

Estávamos lá, caídas, subjugadas pelo peso da história (substantivo feminino, adjetivação masculina), habituadas à condição subliminar, quando nos olhos desse rei enfraquecido por sua majestade uma de nós, ao levantar a cabeça, estando de pernas abertas, viu refletida sua própria buceta. E era uma buceta que não era só dela. Era a buceta do mundo. A buceta da vida.

CORO

A buceta do mundo
A buceta da vida

CORIFEIA

E dentro da própria buceta essa mulher se refez. Pariu-se. Arrancou os próprios cabelos e, nua de si, virou mãe e cria num único corpo. Reinventou-se, assim. Não era sua função renascer no corpo do filho. Esta era a função do filho. Parir era um devir, mas não um dever.

CORO

Parir um devir
Não parir um dever

CORIFEIA

Liberta do peso da história, da culpa de parir...

CORO

Parir um devir

Não parir um dever

CORIFEIA

Esta mulher pode, então, gozar. Gozar, inclusive, ao parir.

CORO

Parir um devir

Não parir um dever

CORIFEIA

Parir ou não parir: eis a questão!

CORO

Parir ou não parir: eis a questão!

CORIFEIA

Se quiser parir, parir! Se não quiser, não. Não existe a questão!

CORO

Parir ou não parir: eis a não-questão!

CORIFEIA

Refletida nos olhos do homem, essa mulher se refez. Seu nome: Jocasta!

CORO

Jocasta é a mãe de Édipo? Jocasta é a mulher de Édipo? Não! Jocasta é Jocasta!

Maria é a mãe de Jesus? Não! Maria é Maria é Jocasta!
Marylin é amante de Kennedy? Não! Marylin é Marylin é Maria é
Jocasta!
Dilma é a sombra do Lula? Não! Dilma é Dilma é Maria é Marylin é
Jocasta!
Eva é a costela de Adão? Não! Eva é Eva é Maria é Marylin é Dilma
é Jocasta!
Lucinha é a mãe de Cazuza? Não! Lucinha é Lucinha é Maria é
Marylin é Dilma é Eva é Jocasta!
Frida é a mulher de Diego? Não! Frida é Frida é Maria é Marylin é
Dilma é Eva é Lucinha é Jocasta!
Evita é a mulher de Peron? Não! Evita é Evita é Maria é Marylin é
Dilma é Eva é Lucinha é Frida é Jocasta!

Podem-se somar outras mulheres. Enquanto falam, cada uma das atrizes levanta um cartaz com a foto da própria mãe. Transformam-se num coro de black blocs.

CORO

Eu sou (fala o próprio nome) e sou Jocasta!

Saem com imensa algazarra do local de representação. Pausa até que não se escute o mínimo grito das mulheres.

19. A ÚLTIMA CEIA

Édipo está ajoelhado no meio da cena. Só. Entram Tirésias de um lado e Esfinge do outro.

ESFINGE

Chegaste onde querias?

ÉDIPO

Cheguei sem sequer.

TIRÉSIAS

Chegarias mesmo se quisesses.

ÉDIPO

Porque eu?

TIRÉSIAS

De quando em quando será assim: sofrerá algum para que outros se redimam. Serão poucos, a história tratará de perpetuar seu nome.

ÉDIPO

Ser eterno não é meu desejo.

TIRÉSIAS

Não interessa teu desejo.

ESFINGE

Tu és grande, Édipo. Tinha que ser tu.

ÉDIPO

Não. Não sou grande. Falas de mim como se eu fosse outro. Por

acaso não me confundiste?

TIRÉSIAS

Não vês? Tudo foi composto. Cada detalhe de tua tragédia foi minuciosamente traçado. Pra que tudo saísse como no roteiro várias ações tomaram corpo, nenhuma delas poderia falhar. Por pouco um dos guardas de Laio não matou a ti naquele violento confronto. Era preciso sorte. Acreditas na sorte?

ESFINGE

Não seria possível, nem para o destino, recompor tão brilhantemente tais condições ideais em outra pessoa. Tu és o homem certo.

ÉDIPO

Faço uma lei. Dou um veredicto. Façamos de homens errados este homem certo. Deixa que eu recomece minha vida daqui. Virarei um bêbado nas noites frias. Tremendo de frio, com fome, mas mais feliz que agora.

ESFINGE

Não brinca com teu destino.

TIRÉSIAS

Ele é cruel.

ÉDIPO

Aprenderei a sê-lo, também.

TIRÉSIAS

Não haverá tempo. Tudo está escrito.

ÉDIPO

Usai este poder obscuro que tendes para apagá-lo!

ESFINGE

Ninguém manipula nada. Tudo é o que tinha que ser. Só é o que é o que é o que é o que é.

TIRÉSIAS

Descobrirás hoje a dor de saber tudo e não poder fazer nada.

ÉDIPO

Deixa que eu esqueça o que sei!

ESFINGE

Não há mais tempo para autocomiseração.

ÉDIPO

O que significa isso?

ESFINGE

Paixão pela própria desgraça.

ÉDIPO

Essa desgraça não é minha! É a desgraça da humanidade inteira!

ESFINGE

Basta de covardia. Assume quem és!

TIRÉSIAS

Não exagera nas ênfases: qualquer um teria medo.

ÉDIPO

Eu tenho medo.

ESFINGE

Não é exagero. Quando chegar a hora ele deve estar preparado.

TIRÉSIAS

Ele estará preparado.

Tempo. Até aqui eles já se deslocaram até a mesa do Júri que, tendo Édipo ao meio, sugere a mesa da Santa Ceia. Fora, começam a surgir burburinhos de uma multidão.

TIRÉSIAS

Não te enganes com o teu povo. Saciado da morte do pobre homem a quem injustamente condenaste, daqui a pouco ele se volta a ti.

ÉDIPO

Já não tenho medo.

TIRÉSIAS

Serás convertido em mendigo e vagarás indiferente às coisas do mundo até o último de teus dias e não haverá homem que à tua visão não se enoje...

ÉDIPO

Para. Apesar de confiar nelas, já não tenho estômago pra previsões.

ESFINGE

Porque nos chamastes, então?

ÉDIPO

Para a última ceia.

TIRÉSIAS

Já o esperávamos. Por isso lavamos as mãos.

ESFINGE

E os pés.

ÉDIPO

Ótimo. Adiantaste um trabalho que era meu.

ESFINGE

Por um momento achei que não aceitarias teu destino.

TIRÉSIAS

Não sejas estúpido. Não o trates mais como a um menino. Hoje foi seu ritual de passagem. Édipo cresceu.

ESFINGE

Édipo cresceu.

Édipo está ao centro. Com cerimônia, ele arranca os olhos.

ÉDIPO

Comei, todos vós. Este será o meu corpo, que será entregue por vós e por todos os homens para o perdão dos pecados. Fazei isto em memória de mim.

Comem. Entra coro. Com uma enorme cruz.

CORO

É de pá

É de Pe...dra

É de pó

Édipo

Matarás o pai
Foderás a mãe
Matar-se-a a mãe
Tu não mais verás

Enquanto canta, o coro desce a cruz e vai preparando a crucificação. Tirésias e Esfinge conduzem Édipo para a cruz. Entra Mensageiro.

20. EPÍLOGO

MENSAGEIRO

Lentamente as cortinas começam a se fechar, como uma flor no fim do dia. Não é à toa. É primavera. Lembremos que fungos também dão flor. Édipo arrancou os olhos, embora tivéssemos dito que ele os furaria. Eis como são os reis: surpreendem-nos sempre! Sua tragédia, entretanto, não terá sido em vão. A partir de agora, nós a continuaremos. Ou não? Contaremos pros amigos, falaremos sobre ela na ceia de fim de ano, discutiremos com os colegas de trabalho. Há muitos Édipos por aí arrancando os olhos. Quem será um? Você? Você aí atrás? Ou, quem sabe, você? Édipo será nosso modelo. Aprenderemos com ele falando dele. Para isso se inventam santos. Tenham todos uma boa noite.

ÉDIPO

Não.

MENSAGEIRO

Não?

ÉDIPO

Não.

Édipo revela que não furou os olhos. Destrói alguma coisa no cenário ou revela que é cenário. Édipo sai, sem pressa. Todos os outros atores ficam estáticos, assustados. A peça pode terminar aqui, com um 'não seco'. Ou pode ter o seguinte final.

ÉDIPO

Não! É mentira. Tudo mentira. Não furei meus olhos, vejam. Não furaria, nunca, continuo aquele menino covarde. Um menino covarde que enxerga! Menos que este cego, mas perguntem a ele se

ele trocaria a sina dele pela minha. Trocaria. Quem não trocaria?

Enquanto fala, todos os outros atores vão perdendo as amarras, podem despir-se, podem espalhar pelo público, dançar com ele, beijarem-se, etc.

ÉDIPO

Não! Esta não será uma obra sobre ética. Não queremos que vocês aprendam com nossas desgraças. Estamos no fim, mas agora sei: só é rei quem escolhe! Eu escolho o sim! Sim! Fodi a minha mãe e nunca me esquecerei da intensidade erótica de seu boquete. Sim! Matei meu pai. Quem não mataria? Aliás, foi um ato de bravura. Empunhei minha espada e meu pênis com a mesma eficiência. Só por isso eu já merecia ser coroadado. Não! Vocês não irão jactar-se da fragilidade de minha vontade, não serei personagem resignada a seu controle social, não serei um exemplo. Todos são melhores que eu. Todos são piores que eu. A verdadeira liberdade não é abster-se das amarras sociais. Nem do controle das instituições. É abster-se de si. Há presos mais livres do que vocês! Eis a verdadeira lição, quem quiser voltar com ela pra casa, foda-se, eu não me importo: tudo é uma escolha. Portanto, se tudo é uma escolha, não existe o erro. E, se não existe o erro, não existe a culpa. Não! Não existe a culpa! Sim! Não existe a culpa! Eu fui um homem que sofreu no corpo as agruras de um passado que nem me pertencia, para que, no futuro, os homens não cometam mais meus erros? Não sou mais! Sim! Sou um homem que ri da própria desgraça. Isto não será uma tragédia. Morrer será crivado de graça. Viver, também! Viva! Viva!

CORO

Uma folha de parreira
cobre minha xereca
cobre o meu pau

representa o pecado original

uma voz meio rouca
veio e me falou
não come dessa fruta
olha, mas que ordem fé da puta

há uma verdade
sobre a humanidade:
aumenta minha libido
o que é proibido
se falar que não
não consigo segurar o meu tesão

fode, fode, fode
fala que não pode
fode, fode mais
pau na frente, pau no meio, pau atrás
xota aberta, arreganhada, xota e cu
sacanagem escancarada ai love iu!

DRAMATURGIA DE JULLIANO MENDES

- 12ponto223b
- Amores e dores no país das flores
- Coração de Porco – Édipo em 4 estações
- Edvards e as Mortes
- Delírios de Will ou como chupar os ossos de Shakespeare
- Histórias nas Paredes
- Nelson Rodrigues
- O Queijo – Uma comédia sórdida
- Uma novela masculina
- Um homem jogado no sofá ou uma mulher que saiu por aquela porta

Projeto viabilizado com recursos da Lei Aldir Blanc/MG, através da Secretaria Estadual de Cultura e Turismo de Minas Gerais.

Download gratuito de todas as obras: www.jullianomendes.com
(Julliano com 2 L's)

CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL